

Impresso

**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de

**Raquel**  
de Queiroz

**Câmara Legislativa do Distrito Federal**

**Benício Tavares**

Presidente

**Gim Argello**

Vice-Presidente

**Paulo Tadeu**

1º Secretário

**Eliana Pedrosa**

2º Secretário

**Jorge Cauhy**

3º Secretário

**Editor:** Ivan Carvalho. **Coordenador:** João Carlos Taveira.

**Conselho Editorial:** Alex Cojurian, Augusto Estellita Lins, Clovis Sena, Flávio Kothe, José Santiago Naud, Luiz Manzolillo, Marcos Lisboa, Newton Rossi. **Conselho Consultivo:** Affonso Heliodoro (IHG-DF), Antonio Carlos Osorio (ABrL), Branca Bakaj (ANE), José Geraldo (ALBr), José Prates (ALDF), José Simões (ATL), Júlio Capilé (AML), Mauro Castro (ALB), Wadin Arsky (ALMUB), Vitor Alegria, Heitor Andrade. **Coordenador de Editoração e Produção**

**Gráfica:** Randal Junqueira. **Assistente da Coordenadoria:** Luiza A. de Mendonça **Editor DF Letras:** Ivan Carvalho. **Programação**

**Visual:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini.

**Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra, Rinaldo Morelli, Arquivo Público do DF, SETUR e EMBRATUR. **Revisão:**

Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço. **Digitação:** Gilberto Lucas. **Chefe da**

**Seção de Editoração:** William Frederico Almeida. **Equipe:** Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrauzino, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Marizete Araújo, Nelci Stein e Oscar Monterrojas. **Chefe da Seção de Produção Gráfica:** Armando

Laurindo da Silva. **Equipe:** André Gonzaga de Souza, Antônio A. dos Santos, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici,

Denilson Caldas, Francisco Cristiano Bezerra, Glacy Antunes, Guilherme Bacalhao, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, João

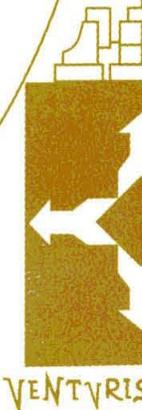
Batista Neto, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José Luiz Bergamaschi, José Teles de Albuquerque, Kleber Salles, Lázaro

Tolentino, Liliane Oliveira, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Silvio R.

Fonseca e Valfredo Perfeito.

**Tiragem:**

5 mil exemplares. Esta edição compreende os números 97/102, meses de julho de 2003 a dezembro de 2003. Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das matérias.



Um pugilo de bravos militantes da cultura decidiu se unir e apoiar a feliz iniciativa da Câmara Legislativa do Distrito Federal, reativando a revista DF Letras, manancial fecundo de páginas literárias, assinadas pelas mais significativas expressões culturais, difundindo a arte em seus diversos segmentos, como manifestação do espírito, contrapondo-se ao materialismo desenfreado que se apossou de quase toda a humanidade.

Esse punhado de heróis da inteligência e da inspiração, em apoio à iniciativa cultural da Casa de Leis da Capital do Brasil, resolveu empunhar as armas da sabedoria, que não matam, mas edificam um novo tempo de conhecimentos e belezas, tocando profundamente a sensibilidade daqueles que aguardam, pacientemente, um novo ciclo da humanidade, onde não mais predominem as ambições desmedidas e o desamor, que frustram as conquistas do espírito.

Esse tempo está chegando e é preciso coragem, desprendimento e ação para conquistá-lo em sua plenitude.

A revista DF Letras se propõe a ser uma das trincheiras no combate à escuridão que dominou o mundo. Com o apoio do presidente e dos parlamentares desta Casa Legislativa, ela será mais uma luz a iluminar caminhos e a ampliar os horizontes do espírito. Após a sementeira, chegará o tempo de colher.

Ao publicar a revista DF Letras, a Câmara Legislativa do Distrito Federal procura preservar a instituição, mostrando que a cultura é fundamental para que todos compreendam melhor a importante função de legislar e fiscalizar a execução das leis.

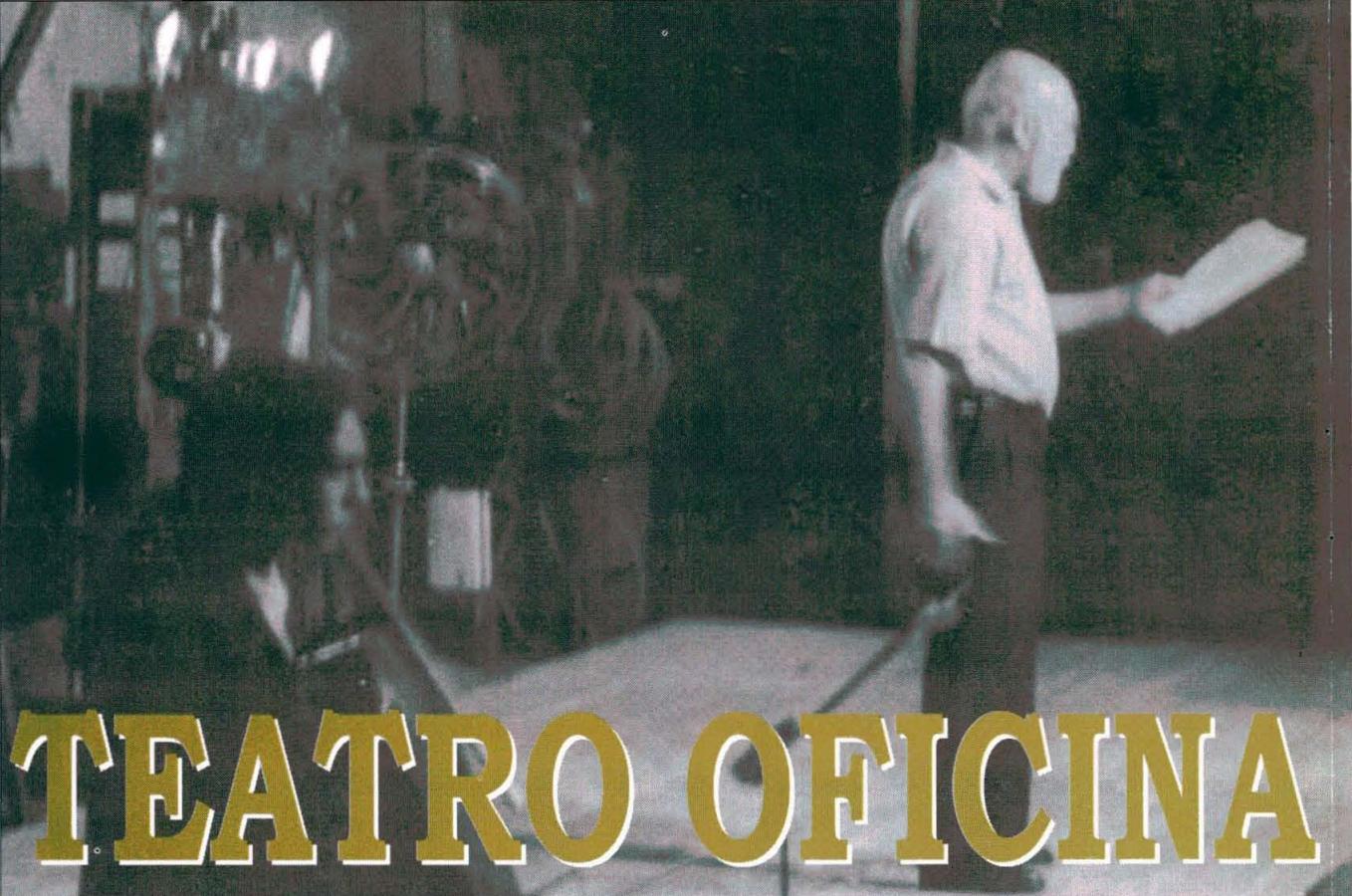
As Casas legislativas são as verdadeiras guardiãs da democracia; sem elas a população fica órfã, sem voz para suas justas manifestações. Elas se aprimoram com o passar do tempo... se renovam em cada pleito eleitoral, e os valores parlamentares vão aflorando como se fossem a própria garganta ou a voz do povo, que não pode ser calada.

Respeitá-las é dever de todos.... compreendê-las e ajudá-las é a melhor maneira de aperfeiçoar uma instituição que representa o templo onde se reza a oração das leis.

O próximo editorial será assinado pelo presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputado Benício Tavares, que tem dado todo apoio para a realização deste ideal de cultura, que é a revista DF Letras.

**Newton Rossi**

Conselheiro Editorial da revista DF Letras



# TEATRO OFICINA

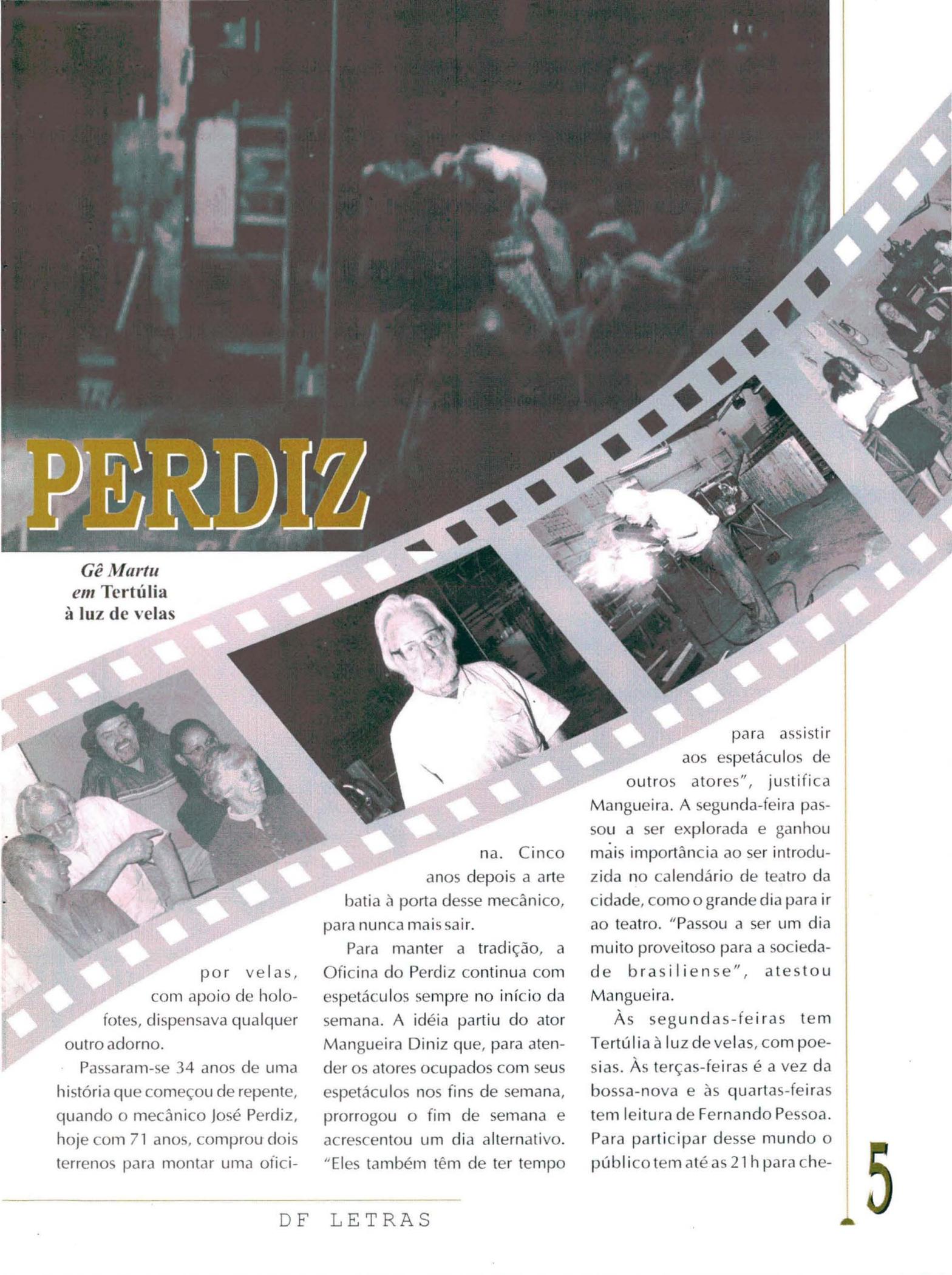
**DAISE LISBOA**

Um local obscuro, uma espécie de fundo de quintal, ganhou vida com a arte. A Oficina do Perdiz, montada para serviços como soldas, tornos, acoplamento de motores com bombas e recuperação de motores, criou um novo hábito entre seus frequentadores.

## Um palco todo iluminado

De dia cuidava-se de motores, à noite atores e atrizes transformavam o local num dos palcos mais disputados da cidade. Luxo? Nenhum. A magia da simplicidade de tornos, prensas e outras ferramentas servia de cenário para a história de cada dia. O palco, iluminado





# PERDIZ

*Gê Martu  
em Tertúlia  
à luz de velas*

por velas, com apoio de holofotes, dispensava qualquer outro adorno.

Passaram-se 34 anos de uma história que começou de repente, quando o mecânico José Perdiz, hoje com 71 anos, comprou dois terrenos para montar uma ofici-

na. Cinco anos depois a arte batia à porta desse mecânico, para nunca mais sair.

Para manter a tradição, a Oficina do Perdiz continua com espetáculos sempre no início da semana. A idéia partiu do ator Mangueira Diniz que, para atender os atores ocupados com seus espetáculos nos fins de semana, prorrogou o fim de semana e acrescentou um dia alternativo. "Eles também têm de ter tempo

para assistir aos espetáculos de outros atores", justifica Mangueira. A segunda-feira passou a ser explorada e ganhou mais importância ao ser introduzida no calendário de teatro da cidade, como o grande dia para ir ao teatro. "Passou a ser um dia muito proveitoso para a sociedade brasiliense", atestou Mangueira.

Às segundas-feiras tem Tertúlia à luz de velas, com poesias. Às terças-feiras é a vez da bossa-nova e às quartas-feiras tem leitura de Fernando Pessoa. Para participar desse mundo o público tem até as 21h para che-



**O capoteiro Jairo, José Perdiz e Mangueira Diniz na platéia**



**Marisa Castro, Elizete Teixeira, Isabella Lyrio e Gê Martu**

gar ao local. O ingresso custa R\$ 5,00.

A idade é apenas um detalhe na vida do bem disposto José Perdiz. Os cabelos brancos não negam os anos que se passaram. Descendente de italianos, José Perdiz gosta de conversar e lembrar com os frequentadores a história da Oficina do Perdiz. Cada um conta uma parte que, ao final, se encaixam perfeitamente.

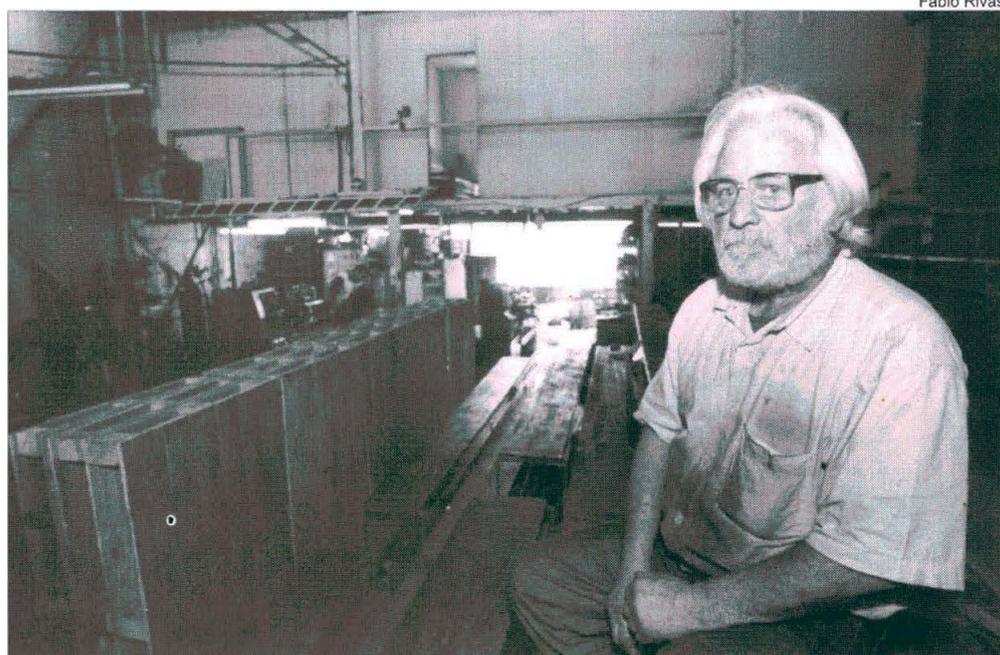
**Começo** – Tudo começou em 1975, com seu sobrinho Ivan Marques Ribeiro, que estudava artes cênicas no Teatro Dulcina. O rapaz costumava utilizar o espaço para ensaiar peças com amigos da faculdade. Em 1988, Mangueira Diniz pediu o espaço para apresentar a peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, que ficou três meses em cartaz. A primeira apresentação reuniu

40 pessoas, numa arquibancada construída às pressas pelo mecânico. “A peça estava marcada para começar às 20h, mas só terminei a arquibancada às 20h20, quando a imprensa já havia chegado e aguardava o início do espetáculo”, relembra Perdiz.

O sucesso foi tanto que a moda pegou. Tanto que foi necessário aumentar a arquibancada para atender a demanda.

“Hoje a arquibancada pode receber até 160 pessoas”. Depois vieram outros espetáculos, como *Bella ciao*, em 1991, com 110 apresentações. “Foi um sucesso e até hoje a peça é comentada”, conta Perdiz com satisfação.

E dá detalhes. O texto, de um paulista, tendo Ge Martu no elenco, conta a história de imigrantes italianos que vieram para trabalhar na agricultura brasileira e



Fábio Rivas

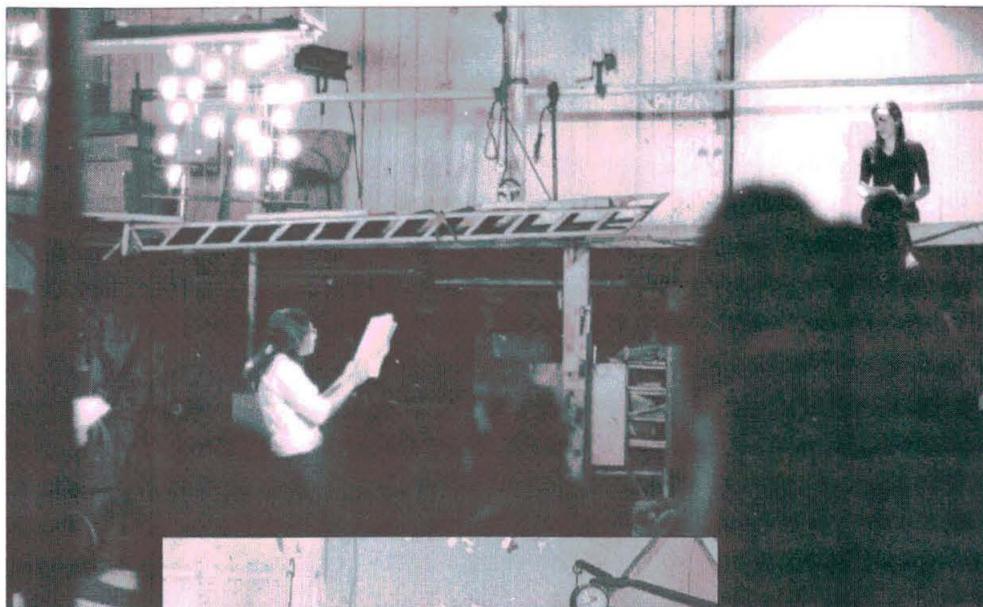
**José Perdiz: luta silenciosa para manter o espaço artístico**

depois partiram para a indústria. Um deles era um artista que depois se transformou em comunista. "A história se desenrolou nesse sentido", resume Perdiz. Com entusiasmo Perdiz conta que a descontração era tanta que a atriz principal ia para a cozinha da oficina e fazia macarronada, um prato apreciado por todos. Outros

espetáculos dirigidos por Mangueira Diniz também fizeram sucesso: *Esperando Godot*, *Pedido de casamento* e *Cala boca já morreu* (continuação de *Bella ciao*). "*Bella ciao* era a história da imigração italiana no Brasil, e *Cala boca já morreu* era a história da imigração do interior do Brasil para São Paulo", conta Perdiz, com reforço de Mangueira Diniz. Depois dirigiu *O velho e a flor* (uma parte da vida de José Perdiz) e depois *José, e agora?*, que conta outra parte da história de José Perdiz.

Mangueira Diniz aponta a Oficina do Perdiz como um espaço inusitado e que serviu de referência teatral porque foi utilizada com identidade própria. "Os mecânicos participavam em cena e as máquinas faziam parte do cenário, sonoplastia e iluminação". Diniz contou que em algumas ocasiões a luz era apagada e o esmeril fazia tanto a iluminação como a sonoplastia.

Em parte, o que mantém a oficina é a vontade dos artistas. "Os artistas querem manter a história da oficina; não apenas para ato-



Vitor Figueiredo



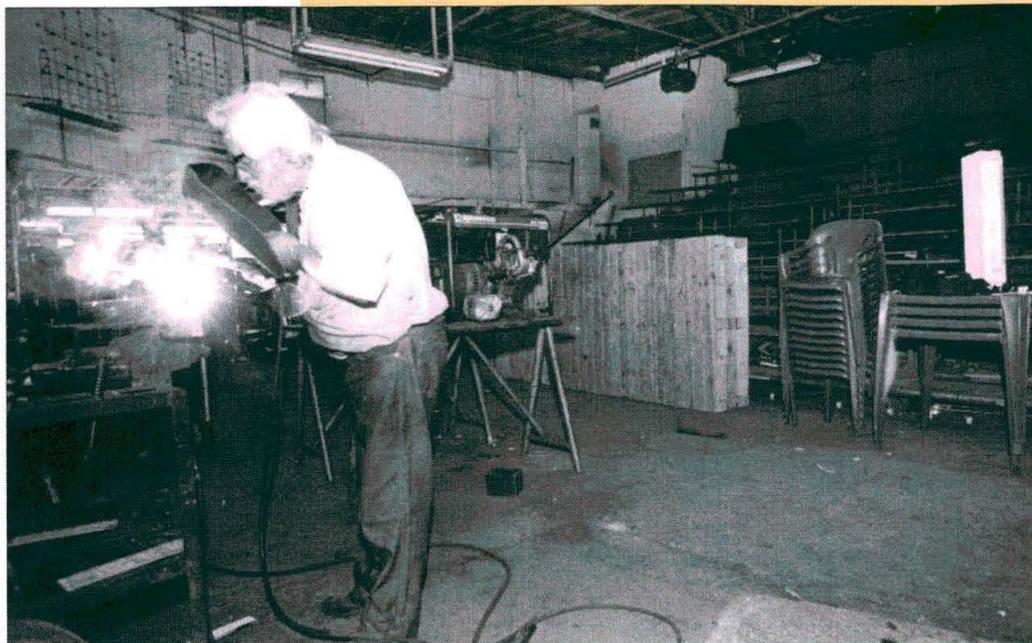
**Marisa Castro,  
Elizete Teixeira  
e Isabella Lyrio  
em Nada é  
impossível,  
dirigidas por  
Marcos Pacheco**

res da cidade, mas também para atores de fora que aqui vêm admirar o espaço", afirma Mangueira Diniz.

A atriz Ruth Guimarães e o marido Sérgio Vianna formam um par perfeito no palco e na vida real. Constantemente se apresentam na oficina. Na segunda-feira, 28 de julho, o casal apresentou *Poesia & Canção*, uma viagem que reverencia a alma e o coração, conforme eles mesmos

definem, entremeando os versos com canções de autores comprometidos com seu tempo, como Chico Buarque, Djavan, Edu Lobo, Tom e Vinícius.

Ruth Guimarães é a mesma que, em 1987, apresentou um espetáculo chamado *Mãe porra louca*. "Ela lutava feito uma doida para tirar o filho da droga. Quando conseguiu, estava mais dentro da droga do que ele", explicou Perdiz.



História triste – José Perdiz comprou dois lotes de um gaúcho, mandou fazer a sondagem de resistência do solo e o cálculo estrutural do projeto. A passagem de pedestres, ao lado do terreno, foi limpa por seus funcionários e a oficina foi estendida até ali, para ficar por três anos. Quando foi registrar o terreno, descobriu que os terrenos que lhe foram vendidos não eram dele. “Quando o PT estava no governo de Brasília, meu alvará de funcionamento venceu e eles não me deram outro”, constata Perdiz, dizendo que depois disso ficou experiente com relação a documentos. “Perdi tudo: o terreno, o projeto e o dinheiro. Começou aí meu sofrimento, porque estava ocupando uma área que na verdade é uma passagem de pedestre”, reconhece Perdiz, lembrando que seu sofrimento começa quando a fiscalização baixa no local. E quando isso acontece, não faltam defensores. “Nessas horas todo mundo entra em cena e os fiscais vão embora”.

## Arte nas mãos

*José Perdiz pode não estar no palco, mas sua arte entra em cena por meio de reciclagem de material da oficina, como os candelabros utilizados na Tertúlia à luz de velas. As mãos calejadas denunciam o trabalho árduo a que Perdiz se submeteu todos esses anos. As arquibancadas foram construídas por ele e recentemente reformadas. Antes abrigavam 40 pessoas, hoje podem receber 140 pessoas.*

*A reforma animou Ge Martu, que está no local desde o começo e apresentou em 1º e 8 de setembro, duas segundas-feiras, O sonho, poesias. “Interpretei José Perdiz e mesmo não tendo nada em comum com ele, até seus filhos acharam muita semelhança entre a minha forma e a dele de representar alguns de seus tipos”, comentou Martu, completando que o trabalho foi tão bom que recebeu o prêmio Oficina do Autor Funarte, em 2001.*

*Ter Perdiz como inspiração não foi só no palco. Ge Martu fez um vídeo e o Luiz Gonzaga, que trabalha na TV Câmara, fez um curta-metragem. Mas foi a peça, Um pedido de casamento, em 1997, que rompeu fronteiras. Foi a Maceió (Alagoas) representar Brasília num Festival Nacional de Teatro e conquistou nove troféus. “A peça conquistou o primeiro lugar”, comemorou. Momentos de felicidade como esse é que fazem parte do dia-a-dia de José Perdiz, que diz ter um sonho: “Quero ver este espaço legalizado, pois hoje não é mais meu, mas um bem da população que aprecia a arte pela arte”. Como o espaço é democrático, está sempre aberto para artistas que desejem ocupar o palco. Para isso, basta ter ensaiado os textos e ter reservado a data com alguma antecedência. O resto fica por conta da magia entre artista e público.*

# Órfão de pai vivo

□ FLÁVIO R. KOTHE

– Eu sou um órfão de pai vivo.

Era isso o que me dizia o corpo inteiro do meu filho de quatro anos, com seu olhar distante, desviado de mim. O menino estava pendurado na grade da cerca, exatamente onde ela se encontrava, na entrada da garagem, com a cerca que vinha da lateral da pequena casa. Eu não morava com ele e a mãe dele. Só às vezes podia visitá-los.

Eu pagava o aluguel, as contas de água, luz e telefone, mas mesmo assim era insuficiente o que eu fazia. Por mais que eu desse, mais queriam que eu desse. Já por isso eu não queria morar com eles. A mãe trabalhava sim, mas ganhava pouco. O meu salário não era o de um paxá.

O menino, esperto, cada dia percebia melhor o que se passava. Ele dizia:

– Na casa do tio Hito é tudo melhor.

E a avó dele dizia:

– Na casa da Néia ele come de tudo, basta colocar no prato. Aqui é essa enrolação, ele não almoça e nem janta direito.

Na minha família, ninguém sabia que ele existia. Eu havia tentado contar à minha filha de dezessete anos que ela tinha um

irmão, mas ela nem quisera ouvir nada:

– É uma puta a mulher que for sua amante.

Eu havia tentado argumentar que não era assim, que podiam ocorrer novas paixões e que, de qualquer maneira, a criança era inocente de qualquer coisa que os adultos tivessem feito. De nada, porém, adiantara. Apenas me havia restado calar, esperando que um dia ela pudesse amadurecer. Com a minha esposa nem adiantava falar. Eu apenas dissera, vendo que ela não imaginava que eu a estivesse “traíndo”, que eu tinha de fato um filho fora do casamento, para ouvir a explosão:

– Você é mesmo um safado, sem ética nenhuma. Que nem o seu irmão. Eu não quero que essa criança apareça nunca aqui em casa.

Sim, eu poderia ter me separado da minha esposa e ido viver com o pequeno Aldo e sua mãe. Tanto ela quanto eu sabíamos, no entanto, que não havíamos sido feitos para



vivermos juntos. Ela era espírita, eu era ateu; ela tinha sangue negro e índio, eu era um ariano puro; ela se contentava em ser professora primária, eu pretendia pesquisar e publicar; ela gastava todo o salário até a metade do mês, comprando coisas que ela não podia pagar, e eu lutava para que o mês coubesse no salário, etc. Quanto mais perto ficávamos, mais aumentava a distância entre nós.

Eu não queria sair de um mau casamento para entrar em outro ainda pior. Eu havia conversado sobre isso com Káti, a mãe de Aldo, e ela dissera:

– Nem pensar a gente morar junto. Nós somos como água e óleo.

Exemplo disso era o nome do menino. Eu sugerira diversos nomes, sendo Alvim o meu predileto. Eu era contra o nome Aldo, pois repetia o nome do meu irmão. Exatamente esse havia

sido, porém, o nome que a mãe havia registrado no cartório. Havia tido o cuidado, no entanto, de não colocar o nome do pai; queria que eu mesmo fizesse isso:

– Menino gosta de usar o nome do pai.

Eu, é claro, havia ido ao cartório e declarado que o menino era meu filho. Fossem quais fossem as conseqüências, eu não ia deixar abandonado um filho meu. O mínimo que eu podia fazer, de início, era declará-lo meu filho. Eu já não podia, porém, mudar o seu nome inicial: apenas pudera acrescentar o meu sobrenome.

O nome era sempre, no entanto, um sinal de divergência. Eu não entendia por que, havendo milhares de nomes possíveis, a mãe tivera de dar exatamente o nome que repetia um nome já existente na família. Era como se dissesse que jamais aquele menino seria conhecido por qualquer membro da minha família. A minha mãe não sabia que tinha mais um neto; o meu irmão, que tinha um sobrinho. O menino tinha no nome já existente uma não existência.

Se eu não conseguia me entender bem com minha esposa, que tinha tudo para se acertar comigo e não conseguia há vinte anos, por que apostar que eu conseguiria isso com outra mulher, em relação à qual eu tinha de me segurar a cada semana para não entrar em uma discussão brava? Quanto mais próximos estivéssemos, mais distantes ficaríamos. Morando longe um do outro, só nos vendo uma vez por semana durante algumas horas, conseguíamos nos entender muito bem. Ela era mulher de coragem, uma excelente mãe, que tinha aceito o nosso filho como eu nunca vira a



minha esposa aceitar a minha filha.

Mais estranha era a nossa intimidade. A minha esposa, por doze anos, não conseguira ter um único orgasmo. Eu havia me acostumado a procurar outras mulheres, que me compensassem a frustração. Não eram prostitutas, mas moças que me amavam ou que, ao menos, gostavam de mim. Quebrei alguns corações e houve despedidas em que, confesso, cheguei a chorar.

Havia, porém, na pele da minha esposa uma tal seda, e no cheiro dela uma tal fragrância que nenhuma mulher podia para mim igualar. Se eu me separasse dela, ficaria sentindo para sempre sua falta. Se eu a visse na companhia de outro homem, isso me abalaria até o fundo da alma.

Para os moralistas, eu seria um calhorda completo; para mim, a vida era mais complexa do que qualquer moral. Enquanto eu ainda sentisse prazer em tê-la nos braços, enquanto eu ainda sentisse falta de sua presença, enquanto me incomodasse o que ela fizesse contra mim, não poderia me separar dela. Não tinha sentido sair de casa e depois morrer de saudade. Menos ainda, separar-me da esposa para mais tarde voltar a casar com ela.

O mesmo eu não podia dizer de Káti. O sexo que eu tivera com ela fora o mais selvagem cio que eu vivera em toda a minha vida. Estranhamente, isso havia passado depois que Aldo nascera. Ela dizia que sua vida sexual já havia se encerrado. Eu conseguia até acreditar, pois não percebia nela o menor impulso de procurar outro homem, aproveitar-se de mim para se esbaldar. Não. Era mulher muito sensata e pondera-

da. Estava tão encantada com o próprio filho que parecia ter parido um deus.

O menino era, de fato, um encanto. Falava tudo, mas, naquele dia, decidira não falar nada. Apenas havia se retirado, desaparecido, até que o descobri pendurado no canto da cerca de grades, espiando para a rua e mostrando claramente que não queria falar comigo. Eu fui então falar com ele:

– Aldo, eu gosto muito de você. Por que você não quer falar comigo? Por que você está bravo comigo? O que foi que eu fiz?

E ele, nada de responder. Calado, ficou pendurado na cerca. Nem olhou para mim. Olhava para a rua, mas como quem não via nada.

– Quem não quer, já tem, ouvi-me dizer.

Dei-lhe as costas e fui para a sala, onde fiquei conversando com a mãe dele. Meia hora depois, vi que ele havia ido para o quarto da mãe. Decidi ir até lá. Tornei a perguntar o que se passava com ele. Depois de vários minutos calado, ouvi uma voz engasgada dizer baixinho:

– Eu queria ir no Shopping.

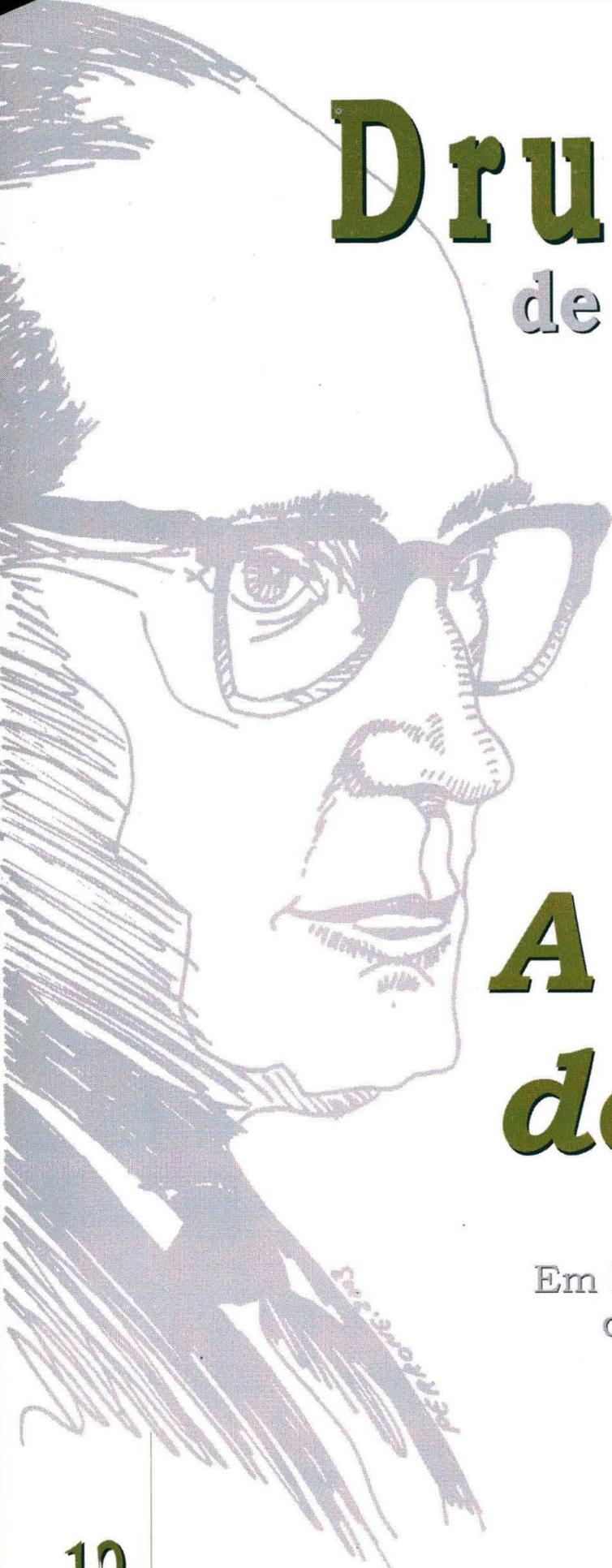
– Ah, só isso? Eu não sabia que você queria. Acontece que esta semana estamos sem dinheiro. Na semana que vem já devo ter recebido o meu salário e daí nós podemos ir.

Eu sabia, no entanto, que isso não era toda a verdade. Ele havia aprendido a me cobrar presentes pelas minhas ausências, e eu sabia que eles não compensavam a carência básica. Eu não podia, porém, me obrigar a morar com



ele e a mãe, sacrificando a companhia da minha filha e a presença da esposa, ainda que fosse pelos poucos anos em que elas ainda morariam comigo.

Morrer eu também não podia, embora fosse uma solução para mim. Não seria, no entanto, uma solução para a assistência que eu precisava dar ao meu filho, fossem quais fossem as condições de convivência cotidiana que tivéssemos. No momento, não me restava senão deixar tudo como estava, não mexer no que só podia piorar se fosse submetido a uma cirurgia. Eu confiava que a vida mesma haveria de encontrar um dia a solução mais adequada.



Carlos  
**Drummond**  
de Andrade

**Brasiliense que se preza ama a cidade em suas árvores tortas, tanto quanto no céu que nos protege e assusta, imenso. Cada um de nós carrega esse espaço em seu íntimo. O céu de Brasília, como se fosse um estigma. Faz parte de nossa formação como pessoa. Está em nós, sem que se pense como está em nós. Aparece.**

# ***A Poética da Busca***

□ MARCELO PERRONE

Em Homenagem ao Centenário de Nascimento do Poeta

Carlos Drummond de Andrade carrega em seu íntimo, indiferenciado de si mesmo, todo o seu estado, Minas Gerais. Assim são as pessoas. Carregam em seu íntimo as suas cidades, as suas pessoas, o seu próprio tempo. Podemos confirmá-lo em Ferreira Gullar e seu "Poema sujo":

# Mundo mundo vasto mundo Mais vasto É o meu coração



“O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem  
que está em outra cidade”.

Isto é igualmente demonstrado por João Cabral de  
Melo Neto, em seu poema “Habitar o tempo”, do livro  
*A educação pela pedra*:

“habitá-lo, na agulha de cada instante,  
em cada agulha instante: e habitar nele  
tudo o que habitar cede ao habitante.”

Drummond carrega Minas em si, e desse modo  
contamina a sua escrita, por ela nascer de sua alma,  
onde a mineirice aflora em tons indistigáveis, como  
marcas registradas de sua poética. Do volume  
*Drummond de Andrade poesia completa & prosa*,  
Editora Nova Aguilar, Série Brasileira, quarta edição,  
escolhemos alguns exemplos:

## *A rosa do povo*

“Uma rua começa em Itabira, que vai dar no meu  
coração.” (“América”, p.191)

## *Alguma poesia*

“A dois passos da cidade importante  
a cidadezinha está calada, entrevada.  
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)

Só as igrejas  
Só as torres pontudas das igrejas  
Não brincam de esconder.”  
(“Lanterna mágica” – II/Sabará, p.57)

“Na cidade toda de ferro  
as ferraduras batem como sinos.”  
(“Lanterna mágica” – IV/Itabira, p.58)

“Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.”  
(“Cidadezinha qualquer”, p.67)

## *Sentimento do mundo*

“Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.”  
(“Confidência do itabirano”, p.102/103)

Muitos estudos já foram realizados sobre a obra literária de Carlos Drummond de Andrade. Tantos aspectos abordados, filigranas de seu estilo e de sua capacidade expressiva. No entanto, esse mineiro de Itabira do Mato Dentro, estado de Minas Gerais, parece inesgotável em proporcionar novas descobertas. Tudo que já se disse é pouco, diante dele. Mesmo aqueles aspectos já visitados em outros estudos não bastam para esgotá-lo. Curiosamente, podemos voltar a qualquer um deles sem que sejamos, necessariamente, repetitivos. Nosso foco será o de sua poesia, apesar do fato de Drummond poder contar com investidas e realizações em diversos gêneros literários.

O presente estudo, longe de qualquer pressuposto de ser um novo enfoque de sua obra, é simplesmente a constatação de alguns pontos que consideramos capitais na compreensão do universo drummondiano, quais sejam, em primeiro lugar, a sua capacidade de, pela condição de nascimento, educação e formação humana (a sua mineirice), atingir a universalidade literária requerida pelas grandes obras e, em segundo, a busca de humanidade, que ele magistralmente provoca nos seus leitores, por meio da intencionalidade social e humana.

Já por diversas vezes temos lido acerca de Drummond que sua obra se distingue pela *secura*: timidez e recato de um mineiro puro. Talvez. Aos meus olhos essa *secura* nada mais é que um disfarce.

Verdadeiramente, não há *secura* alguma em Drummond, mas somente o disfarce de sua necessidade imensa de humanidade, que no mais das vezes identifica como amor. Sua *verdura* prevalece, escapa pelas frestas de sua obra, entre os versos de quase todos os poemas. Vejamos, em sua obra, alguns elementos que demonstram isso:

#### *Alguma poesia*

"Os que amam sem amor  
não terão o reino dos céus."  
(*"Epigrama para Emílio Moura"*, p.73)

#### *Brejo das almas*

"Amor, a quanto me obrigas.  
De dorso curvo e olhar aceso,  
trotto as avenidas neutras  
atrás da sombra que me inculcas."  
(*"O procurador do amor"*, p.90/91)

"O amor bate na porta  
o amor bate na aorta,

fui abrir e me constipei.  
Cardíaco e melancólico,  
O amor ronca na horta  
Entre pés de laranja  
Entre uvas meio verdes  
E desejos já maduros.  
(*"O amor bate na aorta"*, p.85/86)

#### *Sentimento do mundo*

"Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!"  
(*"Confidência do itabirano"*, p.102/103)

#### *José*

"Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
mas você não morre,  
você é duro, José!"  
(*"José"*, p.130)

"Na cidade  
toda de ferro as ferraduras  
batem como sinos."



Drummond utiliza como ferramenta de sua busca de humanidade a subversão da ordem natural das coisas. O que destoa aos olhos de quem lê, destaca-se como intrigante e inusitado e reafirma em nós a nossa condição de indivíduos diferenciados pela vivência íntima:

*Alguma poesia*

"A mão que escreve este poema não sabe que está escrevendo mas é possível que se soubesse nem ligasse."

("Poema que aconteceu", p.63)

"(a vida para mim é vontade de morrer)"

("Coração numeroso", p.65)

"Meus olhos espiam a rua que passa."

("Moça e soldado", p.70)

*Brejo das almas*

"Propõe isso a teu vizinho, ao condutor do teu bonde, a todas as criaturas que são inúteis e existem, propõe ao homem de óculos e à mulher da trouxa de roupa. Dize a todos: Meus irmãos, Não quereis ser pornográficos?"

("Em face dos últimos acontecimentos", p.90)

*José*

"Minha mão está suja.

Preciso cortá-la.

Não adianta lavar.

A água está podre.

Nem ensaboar.

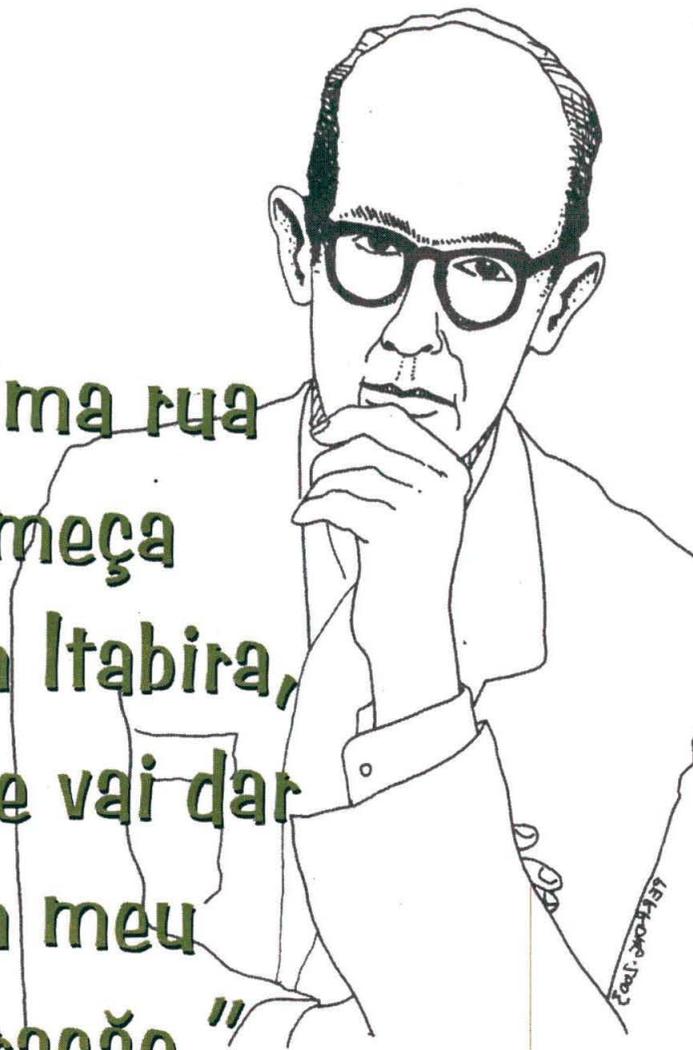
O sabão é ruim.

A mão está suja, suja há muitos anos."

("A mão suja", p.130)

Um fato que sempre nos chamou a atenção, em se tratando da poética de Drummond, é que por mais que mudasse e evoluísse em sua poesia, ele manteve, todo o tempo, a mesma maturidade e lucidez, o mesmo estilo diferenciado, único, como se, realmente, o tempo não pudesse alcançá-lo.

Assim, mais do que um poeta que exprime o que



"Uma rua começa em Itabira, que vai dar em meu coração."

pensa, como pensa, temos em Drummond um raro exemplo de autor que busca nas possibilidades criativas, além dos recursos próprios da língua, aqueles elementos que valorizam a sua forma de expressar, de modo a obter maior profundidade e beleza em seus textos, que falam do mundo, dos homens e das coisas, dentro e fora deles. E com que humildade conseguia olhar para si mesmo, diante de sua própria busca:

*Claro enigma*

"Não amei bastante meu semelhante,

.....

Só proferi algumas palavras

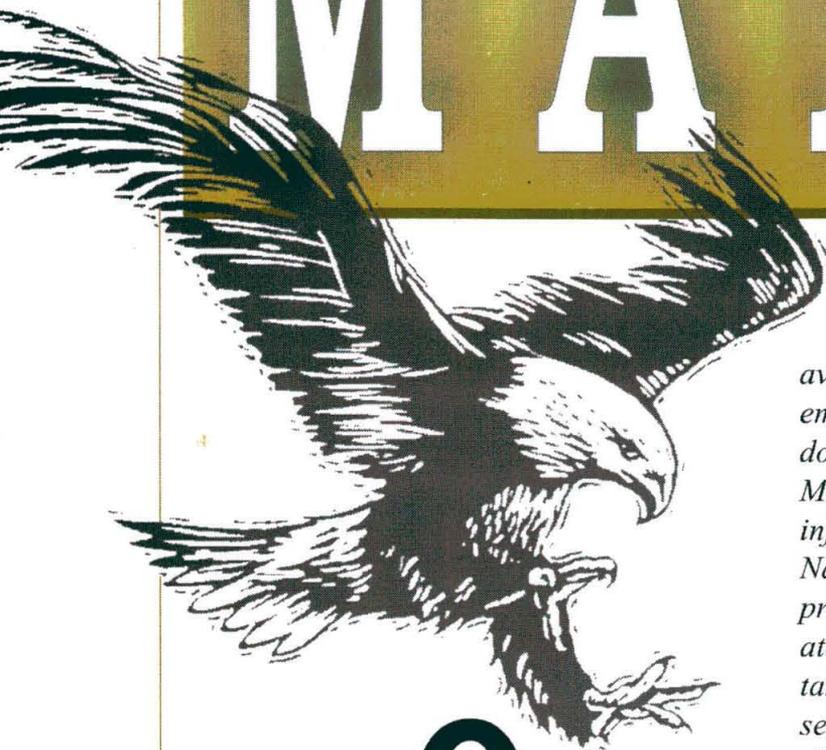
.....

Não amei bastante sequer a mim mesmo,

("Confissão", p.236/237)

Marcelo Perrone Campos é funcionário da Câmara Legislativa do Distrito Federal, artista plástico, ilustrador, poeta e prosador. Nasceu em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, e vive em Brasília desde 1963.

# MANZOLILLO



## O Vôo da Águia

Entrevista a  
**HEITOR ANDRADE**  
(Especial para a DF Letras)

*Dentre os escritores radicados em Brasília, Luiz Manzolillo é o mais polêmico. Trata-se de um intelectual que faz da vida uma grande aventura do espírito. Nasceu no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1930, no bairro do Catete, filho do comerciante italo-brasileiro Antonio Manzolillo e da pintora italiana Paola Scala. Na infância, morou um período com a mãe entre Nápoles, Paris e Bruxelas. Ao retornar ao Brasil, prosseguiu seus estudos na Casa d'Itália. Seguiu até o terceiro ano de Direito (CE e RJ), tendo também cursado Filosofia e Educação Física, sempre interrompendo a trajetória acadêmica. Aliás, dizia Goethe: "Gênio é o que foge da escola aos oito anos".*

*Em 1953, Manzolillo ingressou na antiga SUMOC, hoje Banco Central do Brasil, logrando a estabilidade financeira que lhe permitiu os vôos como escritor. Entre suas veleidades políticas, foi fundador nacional e presidente do PSB/DF e candidato a deputado federal constituinte em 86. Em 69 estreara com **Futebol: revolução ou caos**, ensaio que lhe deu notoriedade em todo o Brasil. Atualmente, vive entre Nova York e Brasília. Nos EUA escreveu e publicou **The eagle and the Tocatoro**, *thrilling* de tema cubano-americano, editado pela America House, com grande sucesso no site da gigante Amazon Book ([amazon.com](http://amazon.com)). Em 73, transferido para Brasília, encontra ambiente propício para a sua arrancada literária. Em 91, com **A barca de Ceres** ganha da Academia Brasileira de Letras o prêmio Afonso Arinos. Nos EUA, onde está escrevendo um novo romance, **Christ of Manhattan**, tema apocalíptico, encontra solo fértil para a sua garimpagem de poeta, romancista e andarilho.*

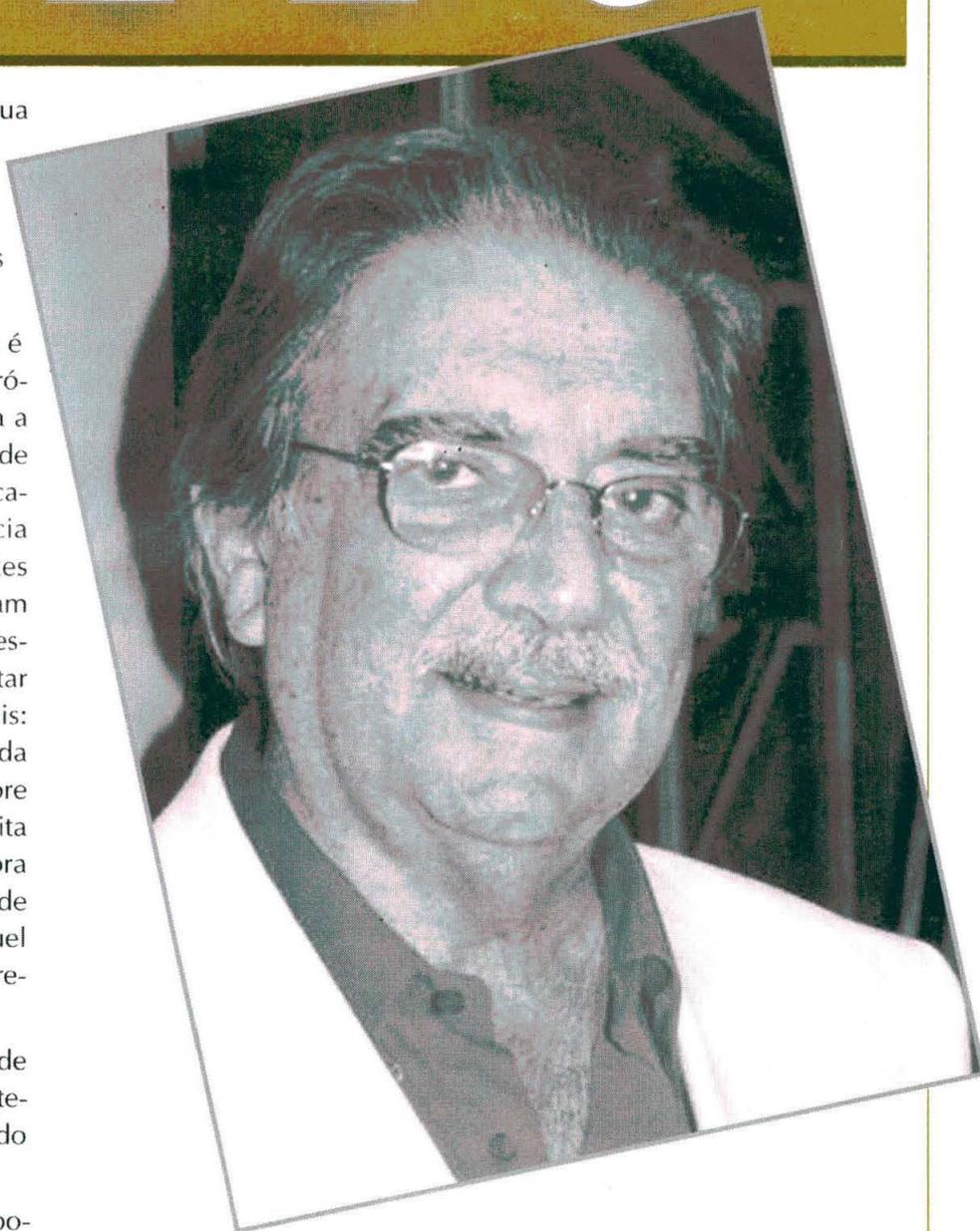
# LILLO

Heitor Andrade - Qual a sua visão sobre o futuro da humanidade, uma vez que a cultura da guerra se sobrepõe à espiritualidade e a todos os demais valores criados pelo homem?

Luiz Manzóllilo - O belicismo é apenas o estertor das forças retrógradas: estreito é o portal para a luz do Terceiro Milênio, a Era de Aquarius e da Revelação (Apocalipse). A Divina Providência escreve certo por aparentes linhas tortas. Bin Laden, Saddam e Bush são os tredos, mas necessários porteiros, para o despertar da Revelação. Vejam os sinais: Laden usa a fortuna propiciada pela CIA; Bush venceu Al Gore numa eleição altamente suspeita (fraudes na Flórida) e agora banca a vestal da moralidade para cima de um regime cruel como o do Iraque. Eles se merecem.

Cidadão do mundo, em face de suas vivências no Brasil e no exterior, como vê Brasília dentro do contexto internacional?

Brasília é um pólo cultural, embora ainda pouco explorado. Aí temos um novo projeto, o Monumenta, lastreado em financiamento obtido pelo governador Joaquim Roriz junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, que construi-



*“ Brasília é um pólo cultural, embora ainda pouco explorado. ”*

“ A língua é mais importante do que a moeda. O Brasil já teve várias moedas, ao sabor das diversas políticas monetárias. ”

rá na Esplanada dos Ministérios as sedes locais da Biblioteca Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, encimados pelo IPHAN (na antiga sede do Touring). Será o grande salto da cidade para a sua definitiva internacionalização, justificando o título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

Uma das questões vitais da cultura mundial é o idioma. A seu ver, como autor bilíngüe, qual a dimensão do português, como língua erudita, comercial e literária?

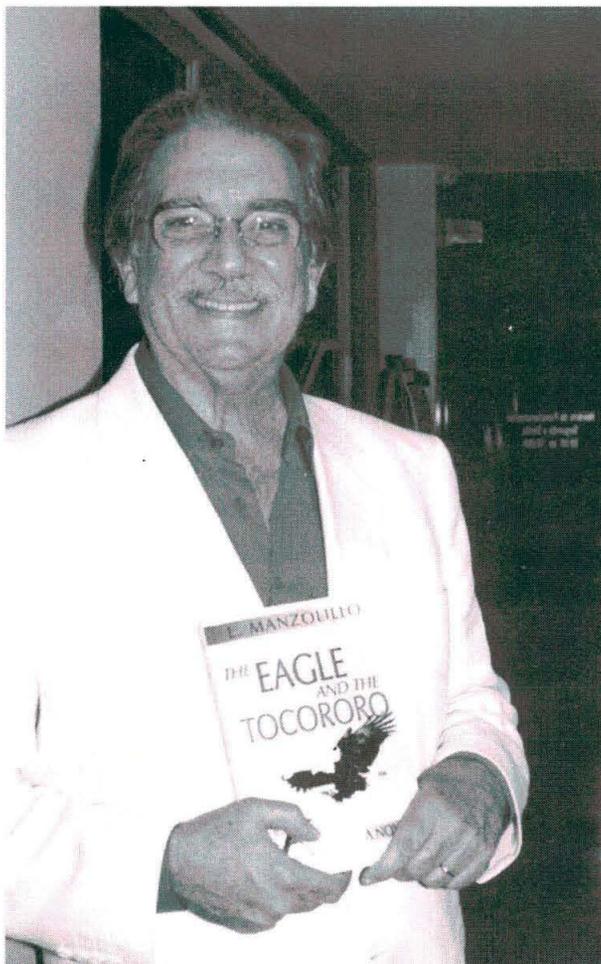
A língua é mais importante do que a moeda. O Brasil já teve várias moedas, ao sabor das diversas políticas monetárias. O idioma português, vivo e uno desde a Colônia, é hoje uma das línguas mais faladas. Mas, mesmo entre os países lusófonos, o intercâmbio cultural é precário. São necessárias novas ações de instituições como a Academia Brasileira de Letras e editoras como a Thesaurus. Urge que o governo crie um programa de exportação da língua, como fazem a Aliança Francesa, o Instituto Goethe, a Casa Thomas Jefferson, a Casa d'Italia e o Instituto Camões. A língua é o mais importante produto de exportação de um país. Devemos criar um organismo de expansão do idi-

oma, para que o português se torne realmente um programa de governo e um dos modos de afirmação do Brasil no contexto internacional. De resto, o português escrito é uma das melhores línguas para a expressão literária.

Recentemente, você inaugurou um processo cultural no SDS (CONIC) com a performance *Manzollito, por ele mesmo*, no auditório da ABAVE, que teve ampla repercussão nos meios intelectuais e do turismo, além da mídia. Quais os seus planos em relação a Brasília?

Oportuna a iniciativa da Prefeitura do CONIC e da ABAVE. Espero outras mais. A propósito, apresentei, por meio da nova “prefeita” Flávia Portela, a

idéia de um projeto chamado Pró-Monumenta, em apoio e como publicidade do já citado projeto Monumenta (Minc/GDF), cujas obras durarão dois anos. Já que o CONIC passa por uma revitalização que pende para o lado cultural, também nos coordenamos com o GDF, proprietário de várias unidades no local, para que dinamize seus próprios projetos naquele espaço. Por exemplo: uma feira permanente de livros, antiguidades, selos e artesanato. Assim, definitivamente, elevaríamos o CONIC ao nível de uma verdadeira *off-Broadway* local, inclusive com a minha idéia da promoção de espetáculos teatrais – musicais, comédias e outros – que chamaríamos de Teatro Permanente de Brasília.



Seu romance *The eagle and the Tocatoro*, recém-publicado nos EUA, muito procurado na Amazon Book, tanto no país do norte como na Europa, é um indício de escalada ao *best-seller*. Como você sente isso? Em relação ao Brasil, qual sua próxima obra e como você está administrando sua carreira literária?

Emocionado e estimulado a prosseguir na luta. Está no prelo da LGE o ensaio *Cultura – um salto na era cibernética*, onde busco ligar umbilicalmente a cultura ao nível de potência. Idéia básica: nenhum país

“ O Brasil tem um bom potencial cultural, mas é preciso atingir o consumo em economia de escala. ”

vai ao topo sem uma grande cultura. O Brasil tem um bom potencial cultural, mas é preciso atingir o consumo em economia de escala. Ademais do romance inédito *Horizonte do sonho* (Oricabana), primeiro de uma trilogia, pretendendo seja montada a comédia de costumes *Oh! Shirley...* e se traduzam para o português meus romances em inglês.

Brasília é um grande centro educacional-cultural, com diversas escolas superiores, sendo também o paraíso das academias literárias, além da grande instituição que é a ANE – Associação Nacional de Escritores. Como você vê o DF como pólo de educação e letras?

Nós temos inúmeras universidades, à frente a UnB, o CEUB, a UPIS, o Objetivo e a FIPLAC, além de um excelente parque gráfico e uma poderosa agroindústria, a EMBRAPA na ponta com suas pesquisas científicas. Além do mais, o parque editorial possui um potencial notável que logo se tornará uma indústria poderosa. Outra área cultural importante é o turismo: a vocação do DF é o turismo arquitetônico, rural-ecológico, cívico, místico, já no nível internacional, embora ainda tímido. Organizações como o Banco Central, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, entre outras, com notáveis museus e teatros, consolidam Brasília no campo cultural. Não esqueçamos que o DF abriga a maior representação diplomática

do mundo, o que disponibiliza, em termos culturais, um grande repositório para o intercâmbio, colocando-nos em posição privilegiada nesta era de globalização. Quanto às letras, aqui se editam inúmeras obras premiadas pelas várias instituições, o que estimula o aparecimento de novos e talentosos escritores.

Como Patrimônio Cultural da Humanidade reconhecido pela UNESCO, Brasília nos dá dimensão internacional e responsabilidade perante o mundo da arquitetura e das artes em geral. Você tem alguma sugestão para consolidar esse cabedal da nossa cidade?

Como em todos os países avançados, emprestar mais apoio às iniciativas culturais, seja pelas isenções fiscais, seja pela maior dotação orçamentária. Nos EUA também quiseram cortar o oficial *National Endowment of Arts*. Mas não lograram êxito. Acima da linha do Equador seria impossível acontecer o que aqui ocorre: a concentração simplesmente no eixo Rio - São Paulo. Embora

NY seja a capital cultural do mundo, outros centros, como Chicago, Boston, Filadélfia, São Francisco, Washington e Seattle são grandes pólos produtores. Só o enorme *Literary market* movimenta mais de US\$ 30 bilhões/ano, considerados os livros didáticos gratuitos. No Brasil passamos pelo dilema esfingético: ou crescemos pela cultura ou a História nos devora. Aliás, necessário assinalar, grande é a diferença entre a prepotente política externa americana e seu adiantamento cultural, o maior do mundo.

Heitor Andrade, jornalista, agente literário, poeta, radialista, diretor de TV, publicitário, é professor de cinema no Curso de Arte e Educação (GB).

**Bibliografia básica de Luiz Manzollilo** – Romances: *A Hora do poder* (Ediscala, 1982), *A chinesa dagger* (Thesaurus, 90), *Pão de barro* (LGE, 96), *The angel and I* (Minerva, 99), *The eagle and the Tocaroro* (Publish América/America House, 2002). Poesia: *Infinita espiral* (Ediscala, 91). Contos/novelas: *A Barca de Ceres* (LGE, 96, prêmio Afonso Arinos, 91, Academia Brasileira de Letras), *O viajante* (originalmente, *A viagem*, folhetim, suplemento BSB Letras, 90/91), *Conexão Ômega* (id. ibid., 92). Ensaio: *Futebol: revolução ou caos* (Gol, 69, estréia), *O Brasil socialista – como será?* (Élun, 87), *Cultura – um salto na era cibernética* (LGE-2003). Teatro: *Reconciliação* (ou *A volta da fada Sayagi*), comédia didática, montada na Seicho-no-le/DF, 94, direção do autor.



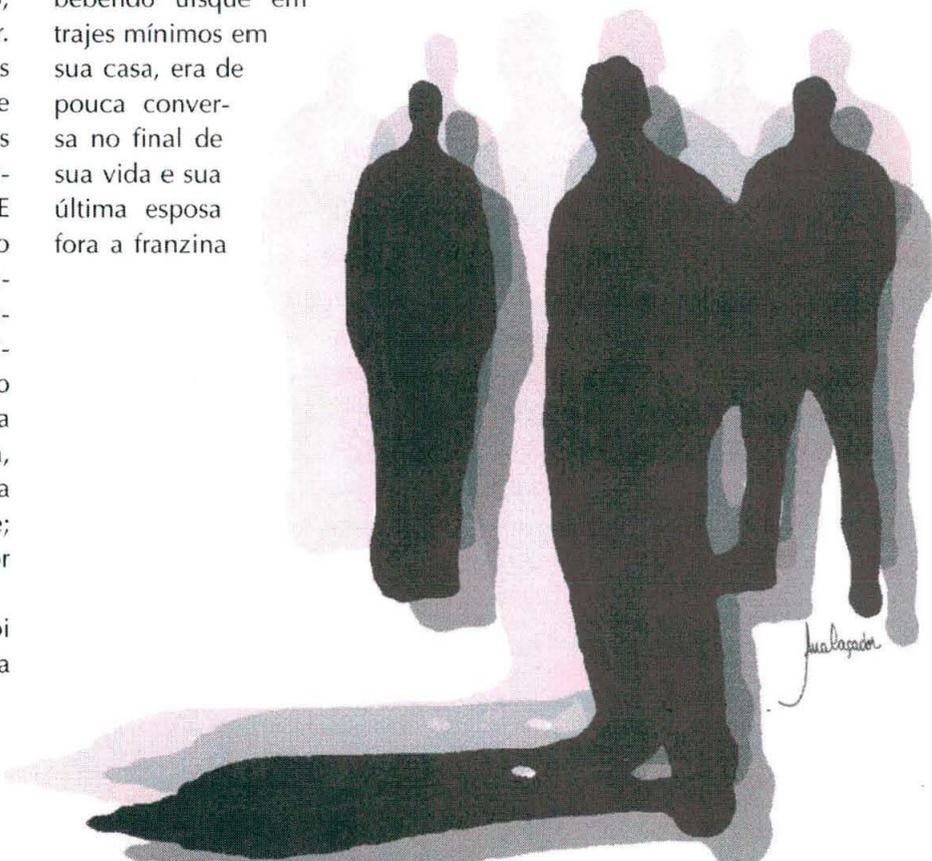
# AS associações de Fusco

Há quatro anos fui apresentado à obra de Rosário Fusco (1910-1977) por um amigo escritor residente em Brasília, por meio de um exemplar da primeira edição de *O agressor*. Antes mesmo de saber que certa parcela da crítica o assemelhava a Kafka, além de outros detalhes da literatura do furioso mulato cataguasense, parti para a leitura. E saí dela perturbado. Porque estava em contato com algo realmente novo. Não podia comparar o romance com nada que tivesse lido até então. Nem com o escritor tcheco. Pois o texto de Fusco, embora com um pé na realidade e outro no fantástico, não podia ser considerado linear. Os personagens eram importantes apenas enquanto portadores de sua palavra, ou intermediários (como num enquadramento médico) do discurso do narrador. E embora o romance estivesse cheio de jogos de palavras, diálogos chulos, tudo era minuciosamente pensado, fruto de um trabalho de ourivesaria, lento e perfeito, no qual o encadeamento das frases só servia à coroação de uma ironia refinada, sustentáculo de uma corrosiva visão de uma supra-realidade; aquilo estava, como filigrana, por trás de tudo.

Meu fascínio pelo romance foi tão grande que resolvi fazer uma

visita a Cataguases, acompanhado do amigo e escritor Ronaldo Cagiano, para conhecer um pouco do universo criativo do escritor. Fiquei sabendo que Fusco havia sido candidato a deputado federal com o bordão "*Não fique confuso, fique com Fusco. Mais vale um Rosário que um terço*", num pleito em que obtivera pífia votação. Mesmo assim atraiu em vida mais eleitores do que leitores. Aliás, algo positivo na vida de um escritor além de seu tempo, vivendo num país até então rural e sem contato com novidades estéticas. HorrORIZAVA as velhas carolas bebendo uísque em trajes mínimos em sua casa, era de pouca conversa no final de sua vida e sua última esposa fora a franzina

Annie, uma francesa com quem dividiu os anos derradeiros de uma vida *nem aí* para as convenções sociais e os cânones literários. Fui ao cemitério e encontrei ambos ocupando o mesmo túmulo, ali, antevendo, metafisicamente, uma cumplicidade literária e pessoal. Também ouvi de alguém num boteco de Cataguases que Rosário Fusco ficou esquecido graças ao fato de ter apoiado Getúlio e sua ditadura e que era considerado uma espécie de "Wilson Simonal da literatura" (alusão ao cantor que apoiou o Golpe de 64 e, dedurou companheiros e caiu na desgraça dos críticos musicais). Duvido que isso tenha sido tão decisivo assim, porque a obra de Fusco superaria, por si só, qualquer estigma alucinatório de eventuais sectários patrulheiros ideológicos. Penso que a obra do escritor mineiro esteja há tanto tempo no limbo mais por seu aspecto literário. Seus livros são para poucos. Fogem à linearidade a que os leitores brasi-



leiros estão acostumados. Destoam do literária e politicamente correto, evitando os roteiros redondos, maquinados para ganhar a atenção do público. E mais do que isso, causam medo. Uma literatura tão imponente é uma afronta aos nossos intelectuais assoberbados pelo comodismo e pela incapacidade de indignação.

Fusco participou da antropofagia modernista, mas se desvencilhou do que havia de ruim nessa influência e foi além dos seus companheiros da *Verde*. Foi poeta também, mas a sua poesia está longe de ter a importância de sua ficção. É ele mesmo quem assegura, sem constrangimento, sem medo de ferir suscetibilidades, ser o romance o maior dos gêneros.

Por essas artimanhas de que vive a cultura brasileira, mais interessada em holofotes e badalações do que em qualidade, Fusco, além de esquecido até 2000, quando a Editora Bluhm ressuscitou "*O agressor*", possuía alguns romances inéditos. Entre eles, *a.s.a. associação dos solitários anônimos*, que agora sai pela Ateliê Editorial (290 p.). Se o relançamento de obras essenciais da literatura já é uma atitude digna do mais sublime respeito, imagine o lançamento de um livro inédito de um escritor genial!

Rosário Fusco inicia o *a.s.a.* com uma epígrafe explicativa do seu estilo: "Assim como o sobrenatural é o reverso do natural, o supra-real é o outro lado do real, o por-detrás", pretendendo com isso situar o leitor, que se enganaria ao julgar-se diante de uma obra do realismo fantástico ou mesmo do surrealismo. Bem certo é, entretanto, que o termo criado neste romance, o *supra-real*, não foi adiante, tendo os estudiosos preferido inseri-lo em escolas já existentes.

Antes de entrar no mérito da crítica do romance em si, faço uma



observação no que diz respeito ao aspecto gráfico. Alguns erros de ortografia poderiam ser evitados caso a editora contratasse um revisor experiente, desobrigando-nos de conviver com desrespeitos do tipo "sombrancelha" e "preferiam", mas que, no final, pelo clima de festa envolto no lançamento, não comprometem a edição. Outro fato a lamentar é o prefácio de Fábio Lucas remanejado como posfácio, pois seu estudo crítico mereceria abrir a obra.

Em *a.s.a.*; Fusco trata dos anônimos e das instituições, inclusive políticas, como pode ser percebido pela leitura dos dois últimos capítulos do livro. E como anônimos que são, os personagens ganham nomes que se harmonizam com sua condição, Fulano/a, Beltrano/a, Sicrano/a, Louro, Alemão, Maria e por aí vão. E a associação é constituída, embora no fundo não exista e não vá existir jamais (o que não importa), porque todos lutam pela individualidade e solidão. Paradoxal. Advertindo-nos do caráter supra-real de sua instituição, "o conhecimento do nosso princípio é a provisória penugem da asa", Beltrano não tenta arrebanhar novos sócios, mas transformar os existentes em criaturas duais. A dualidade sempre foi preciosa a Rosário Fusco. Associando a supra-real asa, borri-

fada pelos capítulos do romance, e presente em anjos ou em cupidos, à instituição *a.s.a.*, fica mais fácil compreender o romance.

Assim é que não apenas os personagens têm a sua cara-metade, Fulano/Fulana, Sicrano/Sicrana, como, a uma certa altura, solitários e desiludidos com as instituições, sejam matrimoniais, empregatícias, médicas, políticas ou jurídicas, rompem com tudo, e para não se verem tão sós, passam a ser dois, o segundo representado pelo espírito de um, no caso de Fulano, ou alter ego de outro, Beltrano. Entretanto, sem nomear este segundo e agora (co)existente personagem, sombra e anexo do primeiro, o primeiro pode seguir na sua aventura individual e, visto que inexistente no plano da realidade, supra-real, o que culmina na não-existência definitiva dessa nova sociedade, a *a.s.a.*

Dotado de um domínio narrativo que rompeu com as tradições modernistas, Fusco é sobretudo irônico, sarcástico, iconoclasta - mas tudo isso permeado de filosofia e reflexão. Não encontramos um parágrafo sequer em todo o livro que não tenha um aguçado senso de demolição que convive com uma beleza poética sem similares, uma invejável perícia na construção das frases, uma qualidade estética constante, sem quedas.

Leio na orelha de *a.s.a.* que Fusco deixou outros romances inéditos, "amarelando na gaveta", como bem escreveu Luiz Ruffato, seu conterrâneo. Fico na esperança de que sigam o exemplo da Ateliê e editem essas obras, reeditem os demais romances, todos esgotados; há uma urgência em conhecer melhor um dos idealizadores da revista *Verde*. A literatura brasileira de qualidade, amarfanhada e esquecida nos escaninhos e gavetas de seus escassos amantes, implora esse resgate.

Whisner Fraga é escritor, autor dos livros de contos *Seres & sombras* e *Coreografia dos danados* (prêmio Edições Galo Branco, 2002), doutor em Engenharia e estudante de Letras.



□ ALEX COJORIAN

# Pícaros no Brasil?

Sempre tem alguém que logo comenta: "Fulano é mesmo um pícaro"; ou é outro que vem e fala de uma cena "picaresca". Para o Aurélio, trata-se de sujeito ardiloso, astuto, velhaco, patife, vigaris-

ta, e antes finório que fino, esperto, sagaz. Também quando se fala em picaresco, dir-se-á burlesco, cômico, ridículo. Em literatura, referir-se-á ao tipo de personagem travesa, bufona, ardilosa, que vive de

expedientes, a expensas das várias classes da sociedade.

Bufão, amarelinho, malandro. No Brasil, sempre há quem esteja desejoso – para não dizer todos nós – de dar um jeitinho na sua situação, esse jeitinho tão proverbial do brasileiro, herança talvez da iniciativa particular nos tempos coloniais, necessidade de minimamente garantir o seu, social e territorialmente, dada a ausência do braço ordenador da metrópole sobre o concerto social em formação.

Jeitinho, herança, necessidade essa que se estenderá por toda a Ibero-América, e que, se por vezes manifestar-se-á no oprimido como malandro, manifestar-se-á também no opressor como caudilho ou ditador totalitário no arbítrio único de seu personalismo. Esta parece que será a sina daqueles que nascerem deste nosso concerto social: cada um por si e Deus contra todos – está lá, no Macunaíma.

Da Península Ibérica vem o *Lazarillo de Tormes*, livro pouquíssimo difundido no Brasil, mas cuja gênese é das mais profícuas. Esse personagem, tido como o primeiro dos pícaros, nasce no século XVI, no rio Tormes, próximo a Salamanca, e, de miséria em miséria, de burla em burla, desde a infância, passa por vários amos – é sucessivamente ajudante de cego, de padre, de escudeiro, dentre outros –, perambulando pela Espanha quinhentista e absolutista de Carlos V, sempre dando um jeitinho para fugir da fome que lhe rói até o espírito. Chega a Toledo, então a capital do império, e logra, depois de muitas desventuras, *medrar*: consegue um emprego público de pregoeiro das causas e delitos de açoitados e enforcados, está corno, mas já não passa fome.

Lázaro, personagem provoca-

dor de um riso seco e triste, que depois ecoará mais alto em Dom Quixote, terá muitos sucessores na América e alhures, sem que no entanto se consiga categorizar o pícaro ou tampouco enquadrar os tipos num modelo prévio. Porque embora sejam fruto de situações semelhantes e apresentem certas características comuns – a esperteza, a argúcia, e uma certa tendência à sátira –, suas peripécias e objetivos não se reduzem ao denominador comum. Quem vir o filme *Iracema, uma transa amazônica*, de Jorge Bodanski, encontrará não um pícaro, mas uma pícaro: Iracema, menina-moça egressa das populações ribeirinhas, chega a Belém na festa de Nossa Senhora, e logo se mistura à população. Daí associa-se a vários homens, principalmente o caminhoneiro vivido por Paulo César Pereio; os dois personagens se cruzam umas tantas vezes no decorrer de suas peripécias. No final, Iracema, mais velha, está largada num prostíbulo ínfimo à beira de uma estrada que liga nada a lugar nenhum. O filme traz como pano de fundo a estrada Belém-Brasília e faz uma espécie de documentação da chegada do progresso e de suas mazelas. Inclusive a personagem-título parece não ter feito carreira de atriz, sendo, ela mesma, personagem de sua própria realidade.

Outro personagem histórico picarescamente retratado é Galvez, imperador do Acre, do romance homônimo de Márcio Souza. Galvez é um espanhol aventureiro que, na fase áurea da exploração da borracha na Amazônia, apoiado extra-oficialmente pela aristocracia paraense e por um exército imprestável, formado por jornalistas, intelec-

tuais, bêbados, dançarinas de cançã, sobe o Amazonas e toma a vila de Rio Branco, proclamando a independência do Acre e se auto-proclamando imperador do Acre. Depois de semanas de tremendas bebedeiras e orgias, é deposto e expulso de seu império pelo exército boliviano. Galvez, já velho, em Espanha, narra sua epopéia sem que ninguém lhe dê crédito.

Entre os extremos desses dois tipos aventureiros, o excluído e o caudilho, grassa na literatura brasileira, para não dizer na da América Latina, grande galeria de personagens. De *A pedra do reino* emerge Dom Pedro Diniz Quaderna, o Decifrador, mistura de tipos em que predominará a esperteza do pícaro. João Grilo e Chicó, do *Auto da compadecida*, típicos ajudantes ou serviçais, são muito aproximados ao tipo ibérico, como de resto toda a obra de Suassuna, que corre no leito da cultura peninsular.

Emigrados com as caravelas, vieram ressurgir no sertão do Nordeste, entre outros, João Grilo e Canção de Fogo, a princípio figurantes dos romances de viola, mais tarde fixados em letra e imagem pelo cordel. Do folclore peninsular erra pelo Brasil também Pedro Malasartes – o Pedro Urdemales espanhol –, mas este forjado nos moldes do bufão medieval, com seu entendimento exagerado, grotesco mesmo, da realidade.

O pícaro certamente está aparenta-

do com o bufão medieval, mas se o bufão está preso às cortes e à opressão feudal, o pícaro adapta-se aos novos tempos, às novas condições que a modernidade traz: em vez de feudalismo, absolutismo; em vez de escolástica, contra-reforma. O pícaro, sobretudo, será filho de seu meio, tanto na península quanto na América: surge sob o regime da opressão social e da falta de perspectivas, sempre percorrendo o edifício social e procurando as pequenas brechas onde aproveite sua argúcia.

Embora Lazarillo de Tormes já inaugure uma certa urbanidade, tipos mais citadinos serão o espanhol Dom Pablo (*Historia de la vida del buscón*, em português, *O gatuno*, na tradução de Eliane Zagury), de Francisco de Quevedo e, no Brasil, indubitavelmente, o Leonardo, que surge a partir de 1852, nos jornais, com a publicação de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. E nesse momento América e Península Ibérica se distanciam, pois enquanto Dom Pablo seja mesmo uma espécie de gatuno (ainda que ao final este emigre para a América), Leonardo será



da estirpe do malandro genuinamente brasileiro. Certamente ambos são pícaros, cada qual a seu modo e de acordo com o que a situação se lhes apresenta. Entretanto, enquanto alguns estão preocupados com sua fome ou sua posição social,

Leonardo está mesmo é interessado em patuscadas, travessuras, e nos seus amores. Ao final, Leonardo também se arrimará ao Estado (que o perseguia na figura do major Vidigal), tornando-se parte das fileiras do delegado.

Talvez afinal não se devesse falar de pícaro, mas de um modo de ação picaresco, porque é nisso que estes e outros tipos encontram sua unidade. Dizem alguns que “pícaro” viria do espanhol *pícaro*, o que seria revelador de sua origem hispânica e também subalterna: lá se diz *pícaro de cocina*, ajudante de cozinha. Advindo de classes servis, e servindo a outros escalões sociais, o pícaro terá esse distanciamento necessário para a sátira ou para a crítica social. Outro aspecto é a notável descrição da vida cotidiana e de época que emerge de sua narrativa personalíssima, a tal ponto que a Rua acaba, muitas das vezes, suplantando, como personagem, o personagem principal – no caso do *Lazarillo*, ultrapassa até a Fome!

E assim, olhando para a Antigüidade, encontraremos vários de seus predecessores, no *Satiricon* de Petrônio, no *Asno de ouro* de Apuleio, nos *Diálogos* de Luciano, na comédia greco-latina. Basta isso para se pensar que mais justo fosse dizer presença da tradição mediterrânea entre nós, do que apenas ibérica, tradição que Ariano Suassuna apontará como patrimônio dos “povos morenos”. A derivação do tipo chega até os dias de hoje, nos nossos melhores malandros citadinos, na figura de um Noel Rosa e até de um Madame Satã, personagens de carne e osso mesmo, tão representativos da malandragem carioca,



da Lapa, do caldeamento das raças e das culturas, e que têm no mulato a sua efígie, e no choro e no samba a sua banda sonora – cujos primórdios, aliás, estão registrados nas *Memórias...*, de Manuel Antônio de Almeida.

Não esqueçamos do Dino, personagem de Hugo Carvana em *Vai trabalhar, vagabundo*, que passa o filme todo lembrando-se e procurando seguir – como melhor lhe parece – o conselho do guarda, logo no início do filme, à saída da cadeia: “Dino, é preciso aproveitar as coisas boas da vida”. Porque a primeira coisa que Dino, em liberdade, fará é parar num boteco e pedir: “Me dá meia hora de cerveja!”



# BRASÍLIA

A todo instante e com prosaica insistência, algumas pessoas, felizmente poucas, até com a melhor das intenções, põem-se a defender a estapafúrdia tese da volta de Brasília a apêndice da União, pretendendo irracionalmente confiná-la ao Plano Piloto, sob o imprestável argumento de que esta lucraria com a supressão do pesado encargo que representa.

Nem seus destemidos construtores e planejadores chegaram a tanto. Se válida sua teoria, a maioria dos estados brasileiros deveria deixar de sê-lo, por estarem falidos e, portanto, sem condições de sobrevivência, o que esbarra, de pronto, na quebra do princípio federativo, tão caro a todos nós.

O Distrito Federal não é mero reboque, distrito ou município, mas uma unidade federativa, que compõe a Federação, e conquistou sua plena autonomia com a Constituição de 88. É um estado-município, de fato e de direito.

É um grande erro comparar-se esta cidade – monumento incrustado no cerrado – a tantas outras como Ottawa, Pretória, Islamabad

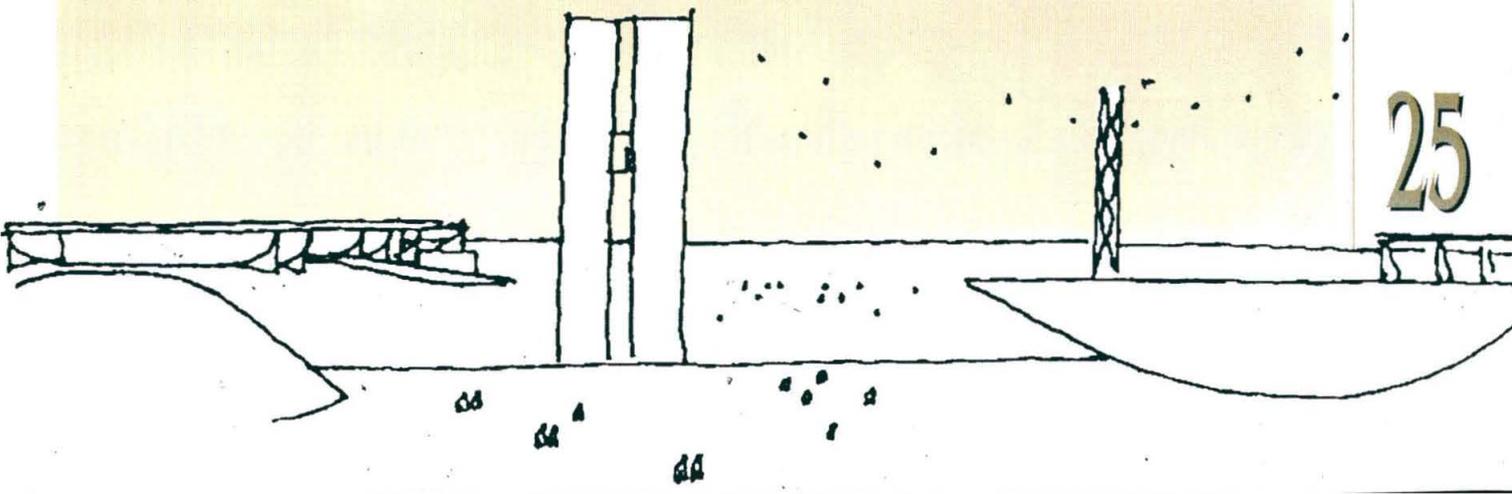
## Cidade do verde e dos jardins

□ LEON FREJDA SZKLAROSKY

ou Camberra, pois ela não foi criada pelo maior dos estadistas que o país produziu, Juscelino, apenas como entidade político-administrativa ou sacrossanto museu, senão e primordialmente como pólo de desenvolvimento e interiorização do Brasil, com avenidas amplas, quadras arborizadas, verdadeiros jardins paradisíacos e milhares de metros de área verde, com ótima qualidade de vida, que poucas cidades possuem. E tem tudo que as melhores cidades têm. Não vamos pôr tudo a perder por mero capricho de alguns poucos.

Há que se notar que o bem mais precioso do universo é o ser humano, daí por que a cidade a ele deve adaptar-se, e não o homem a ela. É uma quimera acorrentar-se a cidade a limites predeterminados. Planejar é coisa bem distinta da idéia de aprisioná-la em limites medievais, muralhas ou guetos, felizmente superados e sepultados pelas cinzas do passado e da história.

O ser humano deve encontrar na cidade seu aconchego, e não seu algoz.



Espírito e liberdade em

# Agostinho da Silva

□ JOSÉ SANTIAGO NAUD

Na obra imensa de Agostinho da Silva, o tema em questão bem que pode partir de uma quadrinha, dele ouvida aqui mesmo, Nos primórdios da Universidade:

“ Só ao teu Deus sê fiel  
No que tu tenhas de fê.  
Quem sabe o deus que tu crias  
Esconda o Deus que Deus é. ”

Tal dialética, no implícito desvelamento de sua semântica, traz à baila o espírito e a liberdade. De um lado, o Ser absoluto; de outro, o exercício criador, porém contingente. Vê-se que há na criatura a ventura de tocar o Criador. Nessa dimensão esconde-se a verdade, preexistente a nós. Assim o pensador dinamiza, como buscador do saber, o fecundo exercício da dúvida. Na demanda, nem peca por orgulho nem se amarra a qualquer prescrição impositiva. Libertário no exercício da fidelidade, honra a “nova ciência” formulada após a Renascença, sem ferir a tradição. Com isso, não furta ao mistério a sua fatia, nem cega o fio da razão. Alcança o ponto de equilíbrio em que os contrários se complementam. Corpo e alma, mente e coração. Perfaz-se a totalidade.

Racional ele sempre foi, sem perder nunca a reta do discurso. Jamais escorregou na arrogância do negativo. Um caso de inteligência. Mesmo o escarninho Voltaire, ao racionalismo redutor do Século das Luzes, dizia-se intrigado com o mundo, e não podia imaginar esse imenso relógio sem um relojoeiro. O que não o impediu de aprimorar a inquietude, nem submeter-se a qualquer prescrição discricionária. Igualmente, na evolução da ciência ocidental, chegaria o momento em que o pragmatismo aplicado à teoria levou Thomas Edison a dizer que “a

Comunicação apresentada no seminário internacional sobre vida e obra do mestre, em agosto de 2002, na Universidade de Brasília (UnB), DF.

# DF

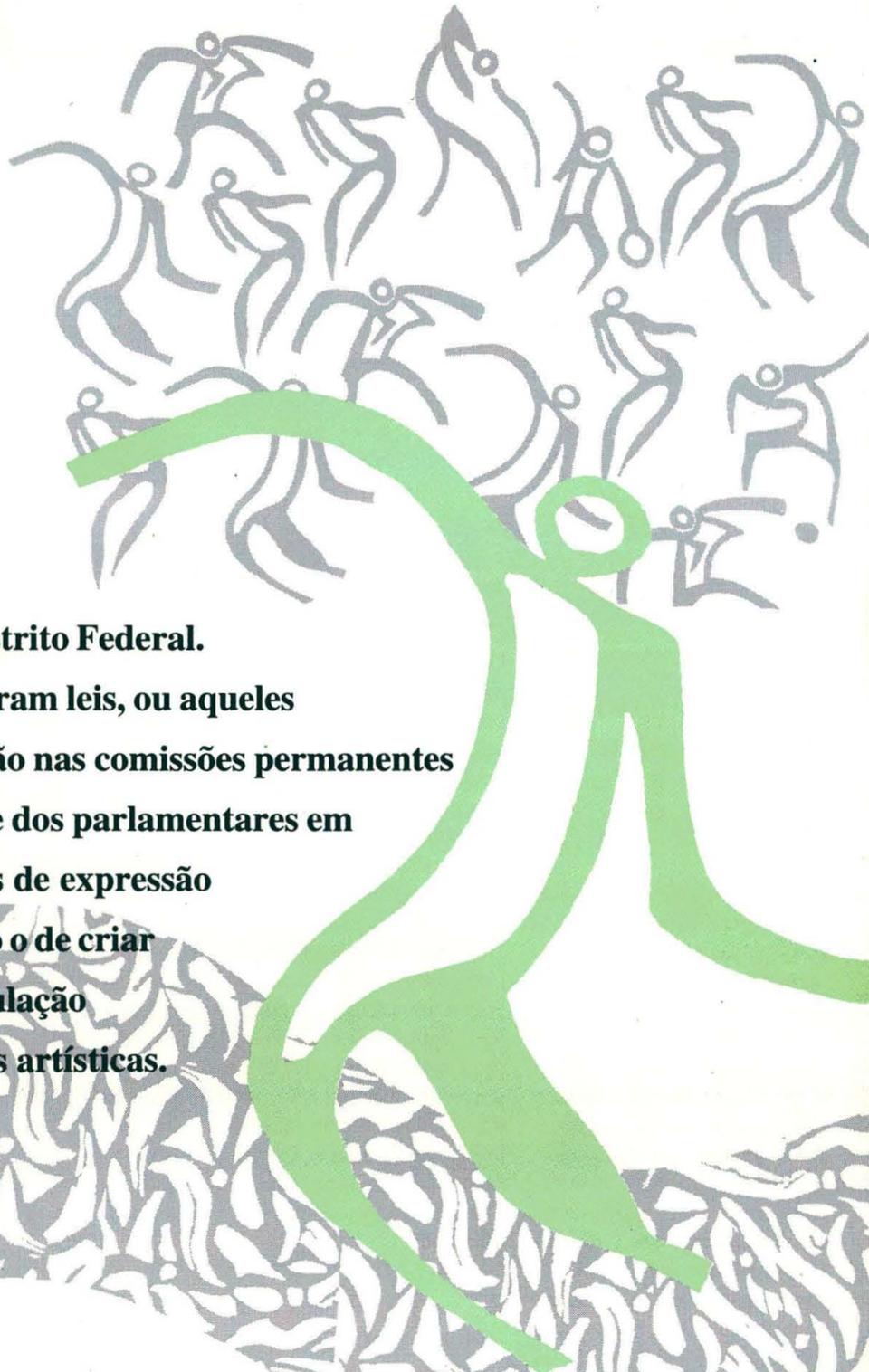
ENCARTE DA DF LETRAS

# CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Ano IV nº 12

**O**s deputados distritais, ao longo desses mais de doze anos de existência da Câmara Legislativa, sempre demonstraram um carinho e empenho muito grande pela valorização da cultura no Distrito Federal. Muitos dos projetos que viraram leis, ou aqueles que estão ainda em tramitação nas comissões permanentes da Casa, mostram o interesse dos parlamentares em fortalecer as diversas formas de expressão cultural da cidade, bem como o de criar instrumentos para que a população usufrua dessas manifestações artísticas.



### Anilcéia Machado (PMDB)

Cultura e arte são a expressão maior de uma nação. Por isso, devem ser valorizadas, incentivadas, estimuladas. Brasília, ainda jovem, já tem mostrado sua marca, mas ainda falta muito. A cidade carece de mais espaço para mostrar seu trabalho e mais estímulo aos artistas locais. É preciso mais incentivos fiscais para que nossos empresários impulsionem a indústria cultural no Distrito Federal.



### Augusto Carvalho (PPS)

As Noites Culturais T-Bone, que completam 14 edições em setembro de 2003, deverão entrar para o calendário cultural oficial do Distrito Federal. Com essa proposta, projeto do deputado distrital Augusto Carvalho está tramitando na Câmara Legislativa, e a expectativa é de que seja aprovado, pois o evento bianual é um dos mais importantes realizados em Brasília na área cultural.



### Júnior Brunelli (PP)

Em um país que enfrenta sérias dificuldades econômicas, com reflexos dramáticos nos índices de violência urbana, projetos voltados para o lazer e a cultura, especialmente visando as comunidades de baixa renda, são uma necessidade urgente e um dever do Estado.



### Chico Floresta (PT)

A originalidade do fazer cultural no Distrito Federal expressa a própria multiplicidade étnico-cultural que está na base da formação de nossa cidade. Essa diversidade, que pode e deve ser potencializada, nos permite uma possibilidade de diálogo com todas as facetas culturais de nosso país para afirmar cada vez mais Brasília como pólo de produção cultural.



### Arlete Sampaio (PT)

A deputada Arlete Sampaio (PT) apresentou projeto de lei propondo o nome de Cássia Eller à Sala Funarte, que fica atrás da Torre de Televisão. A sala foi reaberta com uma grande homenagem à cantora, que incluiu apresentação de Gisa Pithan e show com Wagner Tiso e Victor Biglione. "Este é um merecido reconhecimento ao trabalho e à pessoa dessa fabulosa mulher, mãe e artista, que fez com que o Brasil prestasse um pouco mais de atenção a Brasília", disse Arlete. Cássia nasceu no Rio de Janeiro em dezembro de 1962, mas foi em Brasília que deu os primeiros passos de sua carreira, cantando no *Bom Demais*, da Cristininha, e participando do espetáculo *Gigolôs*, dirigido por Alexandre Ribondi.



### Benício Tavares (PMDB)

O projeto que apresentei à Câmara Legislativa prevê a criação de incentivos fiscais para que os débitos das empresas inscritas no cadastro da dívida ativa com a Fazenda do DF possam ser abatidos até o limite de 10%, a partir de doações e investimentos em projetos culturais e esportivos. O projeto também pretende proporcionar à população portadora de deficiência acesso à prática de atividades culturais, esportivas e de lazer, contribuindo para sua integração na comunidade.



### Carlos Xavier (PMDB)

A Cultura contribui para a diminuição da exclusão social e para o reforço da auto-estima das pessoas e das comunidades locais. Desse modo, a Cultura, visando proporcionar a todos uma vida mais digna, mais livre e mais feliz, é elemento indispensável e essencial para a própria qualidade de vida. Por isso, nesses quase nove anos de mandato, tenho sido autor de vários projetos de lei que favorecem a disseminação da Cultura para todos os moradores do Distrito Federal.



### Chico Leite (PC do B)

Um dos criadores da revista político-cultural *Há Vagas*, da UnB, onde se formou em Direito e cursou Comunicação Social, o advogado, promotor de justiça, professor de Direito Penal e deputado Chico Leite iniciou sua participação nos movimentos estudantis no Ceará, seu estado de origem. Veio para Brasília em 1982. Poeta e escritor, através da Casa de Justiça e Cidadania, instalada na Ceilândia, tem promovido a educação no ensino fundamental e a alfabetização de adultos. Foi um dos formuladores dos programas Paz na Escola e Paz no Trânsito, no governo Cristovam Buarque.



**Chico Vigilante**

(PT)

A cultura no DF é um desastre. Sem uma política específica para a área, a capital da República, que já produziu tantos artistas de projeção nacional, fica entregue ao marasmo, pois não existe incentivo algum à produção cultural. O Distrito Federal precisa de uma legislação que atenda aos anseios da classe artística, promovendo a real valorização de todos aqueles que fazem arte no DF. Além disso, é necessário a atuação de um conselho de cultura formado por quem representa, de fato, o pensamento da classe. Somente assim poderemos pensar em executar uma política cultural, em vez de insistir em iniciativas pontuais.

**Erika Kokay**

(PT)

Um dos papéis da Câmara Legislativa é fortalecer as manifestações culturais, já que isso é garantir a construção da identidade do povo do Distrito Federal, contribuindo para o exercício da plena cidadania. Entendemos nossa cultura como um pilar de transformação, que amplia a visão da sociedade sobre as manifestações que advêm do povo e que fortalecem sua história e tradição.

**Fábio Barcellos**

(PFL)

Brasília possui uma vocação cultural que, a cada dia que passa, se consolida. Primeiro foi o *rock* brasileiro que, no final dos anos 70, início dos 80, contagiou todo o país. Atualmente, vários artistas da cidade destacam-se no cenário nacional. Na Câmara Legislativa, tenho apresentado projetos que incentivem ainda mais a cultura e os artistas do Distrito Federal.

**Aguinaldo de Jesus**

(PMDB)

Estimular o conhecimento dos bens e valores culturais de nossa cidade contribui para o processo de preservação desses valores; e as diversas manifestações socioculturais com acesso democrático aos locais públicos e privados fortalecem a relação de identificação da população com a cidade e seu patrimônio cultural. Dessa forma posso afirmar que Brasília não surgiu apenas como um princípio de urbanismo modernista, mas como um espaço privilegiado para inovações em todos os campos. Portanto, faz parte do meu trabalho contribuir para a manutenção dos bens socioculturais da capital de todos os brasileiros.

**Eliana Pedrosa**

(PFL)

A cultura do Distrito Federal é rica porque rica é a mistura de povos que ajudaram a construir a capital do país e escolheram esta terra para viver. Vale destacar algumas manifestações culturais do DF: o encontro da Folia de Reis, festa religiosa, rica em música e dança, e a reconhecida dupla Zé Mulato e Cassiano, detentores do prêmio Tim de MPB, que ajudaram a transformar a região num pólo de resistência cultural, onde os brasileiros relembram suas origens.

**Eurides Brito**

(PMDB)

É difícil falar de cultura sem falar de educação, pois ambas são "irmãs siamesas". Em outras palavras, integram um processo indissociável. O alimento para a alma advém do binômio educação x cultura. Como parlamentar, quero apoiar as iniciativas nessas duas áreas que venham beneficiar a população do Distrito Federal, sobretudo a parcela mais carente.

**Gim Argello**

(PMDB)

Prédios do Setor Sudoeste e de Águas Claras já estão exibindo obras de artistas plásticos do DF, em resposta à lei do deputado Gim Argello criada em abril de 2001. A Lei das Artes, como ficou conhecida, torna obrigatória a existência de esculturas ou pinturas em edifícios recém-construídos com área igual ou superior a mil metros quadrados. De acordo com Gim, a legislação inovadora visa incentivar a produção artística brasileira, facilitar o acesso da população às criações artísticas de pintores, escultores e designers gráficos. Para expor suas obras, o interessado precisa residir no DF e ser cadastrado na Secretaria de Cultura ou em entidades representativas dos artistas plásticos.

**João de Deus**

(PP)

A política cultural do DF merece atenção do governo – o que já vem sendo feito, mas a prioridade de investimento deve ser dada sempre com vistas a permitir o acesso de todas as camadas da população, sobretudo as mais carentes, a um melhor padrão cultural. Como deputado oriundo dos quadros da PM, conheço as dificuldades das pessoas mais humildes em melhorar sua formação cultural. Somente quando tivermos uma distribuição de renda mais justa, poderemos ver os trabalhadores podendo ir a teatros, ao cinema e a outros espetáculos. O GDF deve continuar valorizando sua política de levar, gratuitamente, shows e apresentações artísticas para as cidades-satélites do DF. A nossa cultura precisa ser democratizada cada vez mais, tornando-se verdadeiramente um bem coletivo e social.



**Jorge Cauhy****(PFL)**

A cultura no DF está cada vez mais representativa. A cidade está com novos espaços de divulgação e Brasília tem eventos que já marcam a agenda cultural do DF, como o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que já está na sua 36ª edição. O GDF também tem projetos para que a cultura esteja ao alcance de todos; prova disso são os concertos gratuitos que ocorrem no Teatro Nacional. O projeto Arte por Toda Parte, que é um sucesso, leva diversão e cultura para todos os brasilienses. Nós, parlamentares, precisamos trabalhar ainda mais pela cultura da nossa cidade.

**Leonardo Prudente****(PMDB)**

Um País sem cultura é um País sem história, e um País sem passado pode ficar sem um futuro. A riqueza de um povo se mede pelo volume de investimentos de seus governantes nas mais diversas formas de cultura. Apresentei dois projetos. O primeiro deles é o Brasília, Capital da Cultura, que resgata a identidade dos estados que formam Brasília, o DF. O outro projeto é o que cria o Festival de Inverno de Brasília, nos moldes do que acontece em Campos do Jordão. Seriam 15 dias de muita alegria, com música, comidas típicas, danças e outras manifestações artísticas.

**Paulo Tadeu****(PT)**

Ter dinheiro representa ter acesso a tudo o que ele pode comprar, inclusive cultura. Por isso, cabe ao poder público garantir à população carente o acesso à cultura, seja ela de massa ou popular. O deputado Paulo Tadeu acredita que, para isso, democratizar os espaços em que as manifestações ocorrem é fundamental. Não é à toa que, em Sobradinho e em Taguatinga, Paulo Tadeu mantém espaços culturais para apresentação de artistas locais. Tradições folclóricas, como a festa do bumba-meu-boi e as dramatizações da Via Sacra, sempre recebem emendas de iniciativa do deputado nos orçamentos do GDF.

**Peniel Pacheco****(PSB)**

“Morreu Afonso Brazza e, com ele, o único pólo de produção cinematográfica do DF, porque o Pólo de Cinema e Vídeo – aquele localizado num descampado, em Sobradinho, e que produziria não sei quantos filmes por ano – está morto há muito tempo. Brazza deixou a lacuna dos que não esperam, mas realizam. Ele, sim, a seu modo, fez cinema no DF e difundiu a cultura de massa.”

**José Edmar****(PMDB)**

A imagem de equipes de atletas brasileiros nos atuais jogos Pan-americanos, cantando o Hino Nacional brasileiro, com emoção e patriotismo, fizeram-me lembrar de lei que tive a oportunidade de aprovar nesta Casa, a Lei n.º 1.239/96, que instituiu o “momento cívico nas escolas públicas do Distrito Federal”. Constitui esse evento o hasteamento da Bandeira Nacional e da bandeira do Distrito Federal, uma vez por semana, acompanhados da entoação do nosso hino, por alunos e professores. Trata-se de iniciativa há muito esquecida e que tenta recuperar a estima e o sentimento de patriotismo pelo nosso país e pela nossa cultura cívica.

**Odilon Aires****(PMDB)**

A arte do Distrito Federal já vem despontando no cenário nacional como uma das mais promissoras, devendo se transformar, num futuro próximo, na mais completa expressão artística de sua população. Entretanto, o acesso ainda é precário, especialmente da chamada Terceira Idade. Mas para corrigir essa distorção, apresentei projeto criando o Programa Escola de Arte e Artesanato para essa faixa etária.

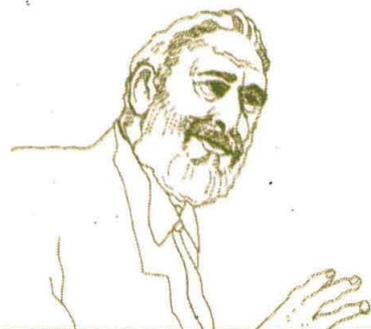
**Pedro Passos****(PMDB)**

“Brasília moderna, com céu tão deslumbrante, também possui uma vida cultural intensa, capaz de abrigar tantos regionalismos. Ela é, em sua essência, o berço de intelectuais e celebridades da música popular brasileira e da arte contemporânea. Por isso, precisamos unir esforços para democratizar o acesso aos bens culturais do Distrito Federal e transformar a nossa cidade em um dos principais centros de cultura e turismo do país”.

**Wilson Lima****(PMDB)**

Não é sem motivo que Brasília tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade. O Distrito Federal reúne os ingredientes que permitem à cultura se desenvolver em suas modalidades e manifestações. Se tocarmos um frevo, pernambucanos, paulistas, mineiros, cariocas, brasilienses e outros que aqui moram vão cair na alegria do frevo. Aqui surgiram várias bandas de rock que fazem sucesso. Se dermos uma volta pelas feiras do DF, certamente vamos encontrar artesanato de todo o país, até da cultura indígena, além da culinária típica dos diversos estados. O Distrito Federal é um celeiro da arte, de artistas e da cultura popular, que reúne uma amostra cultural de todos os brasileiros num só lugar.





## “ A função do corpo é levar a mente a passear ”

função do corpo é levar a mente a passear” e, filosoficamente, Sampaio Bruno escolheu como epígrafe do livro *O Brasil mental* frase semelhante, de Lester Ward: “A tarefa da mente é a de dirigir a sociedade”. Ora, Agostinho da Silva cumpriu na mais perfeita extensão da sua vida e da sua obra esses preceitos, e com inclinação lúdica mais o senso de servir. Crítico e generoso, debruçou-se à janela do mundo justificando o ofício corporal e anímico da própria existência. Esclarecendo o compromisso vital de cada um, iluminou as origens e os fins do ato humano.

Bem advertido andou o jovem pintor Carlos Aurélio quando, em março de 1996, significativamente no Convento de Cristo do castelo de Tomar, fez uma exposição de quadros com o mapa de Portugal, representação emblemática da Árvore da Vida. No mapa, as dez *Sephirot*, que são os chacras cósmicos repercutidos em nós, correlacionam o nexa íntimo e causal entre visível e invisível. Formulação da *Binah* hebraica ou da *Sophia* grega, em português Sabedoria, representam a ciência da totalidade e estão distribuídas por sete níveis horizontais, que são os sete planos do Ser alinhados verticalmente em três colunas. No pólo espiritual, a da direita, Misericórdia, é positiva e centrífuga; no pólo material, a da esquer-

da, Rigor, é negativa e centrípeta; a do meio é do Equilíbrio: reúne os estágios de reino, fundamento, beleza e, à mediação de vontade, *Kether* a coroa do mistério vital. Correlacionam-se todas. Em tal figuração, o canto superior corresponde à situação geográfica de Trás-os-Montes e coube ao Agostinho, na coluna da Misericórdia. Sobre essa região portuguesa o homenageado já escrevera (1): “Quando chegou a minha hora de nascer no céu das idéias, estava atento ao globo terrestre que ia passando pela frente à espera de encontrar uma terra que me agradasse. (...) Nascer não é uma fatalidade, mas uma escolha pré-consciente, daquela consciência que se perde quando se voa do Céu para a Terra, como dizia Platão... Eu o que escolhi foi Barca D’Alva, que é a última terra portuguesa antes da fronteira da Espanha...”. Pois ali aparece ele, com os seus gatos, “à luz da amendoeira pintada”. No chacra ou na casa do absoluto/inteligível, o mundo da esperança. À articulação do manifestado, nesta ascensão do material ao espiritual, isso quer dizer altura e sabedoria. Não me admiro, pois, que aqui em Brasília, na década dos sessenta, dada inteligência feminina o chamasse de Augustus, em vez de Agostinho. Hoje ela ainda reitera esse nome e agrega outro, oriental,

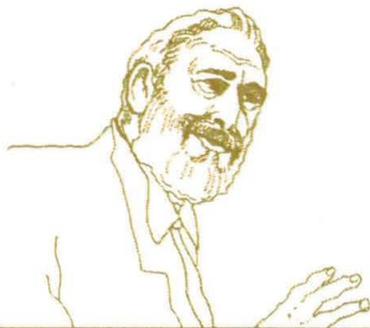
de Pucka Sahib, homem de sabedoria, “o sagaz, digno de inteira confiança, que julga com imparcialidade” segundo leitura feita em Agatha Christie (2). E está certa. As mulheres, por intuição e pendor compassivo, sempre foram as primeiras a perceber a grandeza do mestre na claridade dos seus obscuros paradoxos, tão distantes do ordinário e da empáfia masculina.

Já estamos então em condições de compreender o ponto fulcral da idéia de Deus para o autor. Em 1974 ele escreveu (3): “Diz-me Frei G.H. que posso tranquilamente pensar que Deus, simultaneamente, existe e não existe. Veria, então, Deus, muito de acordo com uma idéia da física cosmológica de nossos dias, e não me serve para nada um Deus que não resista à ciência (...) ao tomar Deus conhecimento de si próprio, se vê, ou é, sujeito e objeto, Pai e Filho, com um intervalo imediato de tempo e espaço, como me sucede a mim quando me vejo ao espelho (...) e isto, que só existe quando Deus existe e porque é Pai e Filho, sujeito e objeto, chamarei eu de Espírito Santo // Pondo de lado esta questão do Espírito Santo, para não exaltar os meus amigos de esquerda que me crêem místico (e oxalá o fora, bem seguro de não cair em catecismos pretos ou vermelhos) e para não descansar os meus amigos de direita, que poderiam confundir este meu Espírito Santo com a pomba amestrada que durante tanto tempo, mais com artes de corvo, separou a Igreja de Cristo que a fundou, direi, acumulando as enor-

(1) SILVA, Agostinho da. *Reflexões, aforismos, paradoxos*. Brasília, Thesaurus Editora; 1999, p. 179.

(2) CHRISTIE, Agatha. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro, Editora Record; 1987, p. 136.

(3) SILVA, Agostinho da. *Dispersos*. Lisboa, ICALP, Ministério da Educação; 1988, p. 598.



## “ Nascer não é uma fatalidade, mas uma escolha pré-consciente ”

midades, (...) no momento em que o mundo explode de Deus, ou Deus explode em mundo, deixa ele de existir como Absoluto e, portanto, como Deus; é, já, a Trindade; e dessa, claro está, posso eu falar; o que não vale a pena, pois de outra coisa não têm tratado os teólogos”.

Esta é a religião explícita do Agostinho, sustentação de sua ciência e sua fé, que o levavam a chover sobre bons ou maus e reclamar, por exemplo, de um projetado instituto teológico nesta UnB a inclusão de babalorixás incumbidos de ensinar a crença ioruba, povoada de deuses mas sem tomar nunca o nome de Deus em vão. De fato, é o fulcro que sustém e impulsa a roda de um pensamento velocíssimo, capaz do diálogo generoso. Sem excluir a devoção trinitária, incorpora tradições mais antigas e abre as cortinas do futuro. Aqui o folclore português, com fidelidade etimológica, serve para o resplendor da verdade, oculta em simulacros e registrada pela ciência etnográfica. Com rigor lógico e amparado no fato histórico, conduzido pela ventania do poético ele aflorou os grandes mitos. São manifestações messiânicas da sua pátria, a utopia ou ucronia do Quixote peninsular. Com agudez mental, rompe a mesquinhez coeva. Assim, do “nada que é tudo” faria brotar, mais que o porquê, o *para que* as nações existem. Fez de Portugal espelho do Mundo. Jamais se enredou nas teias do nacionalismo, nem se rendeu à exaltação equívoca de um destino manifesto. Não foi salva-

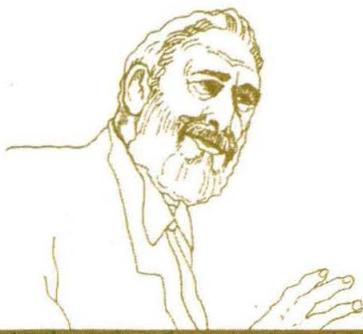
dor da pátria ou justiceiro da humanidade. Oponente feroz de qualquer totalitarismo, fosse político ou religioso, são seus vetores: 1- Cister e a aceitação da mudança; 2 - os cavaleiros-monges e sua ação templária; 3 - a Festa do Espírito Santo, com o apelo ecumênico; 4 - a fraternidade e pobreza franciscana; 5 - o Quinto Império e o Encoberto, passagem universal à eternidade. Nunca se dispôs erroneamente ao sebastianismo no que ele implica de estupidez ou fanatismo. Mas lhe confere valor real, este sacrifício e a aceitação do martírio, na porfia dos caminhos do Graal. O espírito de Agostinho da Silva refletiu de tal modo a Nação que dele se pode dizer, sem exagero, quanto o Pessoa disse do Bandarra: “Não foi nem santo nem herói, / Mas Deus sagrou com seu sinal / Este, cujo coração foi / Não português mas Portugal”.

Nestas condições, é com lucidez que, ao considerar as diferentes épocas nacionais, sua reflexão pôde avaliar o 25 de Abril (4): “Acaba a segunda época de Portugal rente a nós, sagrando esta data para todo o futuro (...) se liberta o País de ser metrópole e, desaparecido o conceito de fiel como o de ser ele o fiel de outras religiões, ideologias ou costumes, se volte a atenção para o infiel que o é porque se afasta da fidelidade que deve ser essencial em todo o homem, a de ser fiel a si próprio, a de se cumprir tal como é, exemplar único de um dos infinitos aspectos de que o humano

pode revestir-se. Para que tal aconteça se despirá a Nação de todo o egoísmo nacionalista, e de toda a retórica messiânica e quererá que com ela floresça, primeiro o conjunto de Povos que em sua mesma Língua se entendeu, e logo, por eles, a Ocidente e Oriente, e a Norte e a Sul, sem explorados nem exploradores, um mundo de trabalho comum, sem mandantes e servos (...) assegurando-nos assim, no Tempo, o nosso matemático assento, e, no Eterno, nosso impossível vôo a todo o céu que se crie”. São palavras que averbam sua plena adesão à profecia de Joaquim de Flora sobre as Três Idades, pedra angular da gênese humana e terrestre.

Quanto ao movimento da Filosofia Portuguesa, punha lá o mestre suas reticências. Não cabe aqui nenhuma análise, mas valha referir que, para ele, a missão nacional sempre esteve mais voltada ao agir que ao pensar, urgência de povoar o mundo antes que interpretá-lo. No mar navegante, entre Camões e Pessoa, importava mais a “Terra toda uma” que descrita. Abraçaria o Alberto Caeiro ouvindo-lhe o oxímoro de que “há metafísica bastante em não pensar em nada”. De certo, como filósofo português considerava apenas o Baruch (Bento ou Bendito) Espinosa que, embora continuasse a falar o idioma familiar, a par do latim, espanhol e neerlandês, já não era mais português; os antepassados, expulsos pela intolerân-

(4) *Id. Ib.*, p. 594.



## “ Há metafísica bastante em não pensar em nada ”

cia e o fanatismo, fizeram-no estrangeiro. Mas, junto aos ensaios de Montaigne (que o Agostinho via também português), será Espinosa sua maior e talvez única afinidade. Já veremos por quê. O judeu meteu Deus no mundo, ao contrário de outro senhor da Ciência Nova, o Newton, que, não obstante seus livros de alquimia, viu o mundo como que abandonado de Deus. Espinosa foi expulso da sinagoga e igrejas, mas dava início ao criticismo bíblico, que soma hoje lingüistas e arqueólogos. Ao recusar honores, casava-se com a pobreza. Honrando o silêncio, fez com esmero o seu trabalho. E, sobretudo, buscava preservar a ordem fixa e imutável da Natureza. Tinha por objetivo da governação a liberdade e foi preceito impreterível do seu proceder, matematicamente ético: não rir nem chorar sobre os atos alheios, senão compreendê-los.

Quanto à liberdade em Agostinho da Silva, prefiro ceder a palavra a voz mais competente. Acaba de sair em Lisboa um livro de Joaquim Domingues, professor em Braga. Intitula-se *De Ourique ao Quinto Império* (5). Escrito para refletir sobre uma filosofia da cultura portuguesa, estuda a operação do mito nos fundamentos da nacionalidade e alarga-se, através de 370 páginas, à utopia consagrada pela sementeira de Vieira. Pois, justamente, dedicando essa obra magnífica aos amigos do Brasil, como

“pior do futuro da cultura lusíada”, perfaz o trabalho em doze anos e, “num esforço de diálogo transatlântico”, o põe sob a inspiração de Agostinho da Silva. Sua avaliação, nas páginas finais, são bastantes para definir o nume inspirador, seu ofício libertário de 88 anos: “Convicto de que tudo começa e se decide na liberdade e na responsabilidade de cada pessoa singular (...) por mais de uma vez lembra as virtudes conventuais e militares, ao pensar numa organização de homens livres, cujo melhor modelo terá sido o das ordens de cavalaria, em que a disciplina consentida na ação se articula à comunidade vivida na fé e à pobreza partilhada e sublimada na castidade. (...) A solução está, pois, no aperfeiçoamento individual, segundo um modelo que contempla a integralidade da pessoa, mas que atinge o máximo grau de eficácia quando integrado em livres formas de associação fraterna”.

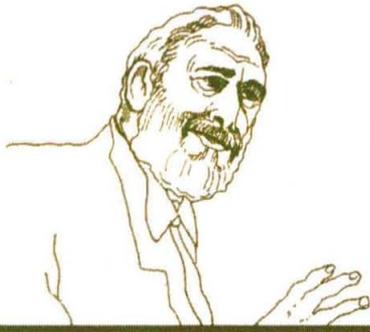
Paródio S. João. “O mito se fez homem.”

Neste mesmo ano, quando celebramos o centenário de publicação da pedra fundamental da sociologia brasileira, cujos sertões tanto comoviam o Agostinho, importaria indagar das ligações dele com a terra. Vejo que o tema será tratado amanhã por José Luís Conceição Silva, autor de livros decisivos sobre agricultura ou os mistérios de Portugal. Gostaria, entretanto, de fazer duas referências.

A primeira, sobre Canudos, que sangrou temas diletos ao mestre, como o sebastianismo e a exploração dos excluídos. Parece incrível, e é satânico até que, a um século da denúncia de Euclides, o problema não esteja sequer equacionado. Ao contrário, as favelas multiplicam-se em todo o país. A ineficácia de suposta elite, perversa e hipócrita, avança no erário e continua a jogar para amanhã a solução do problema, mácula imperdoável de meio milênio. Mal nos ampara a advertência de outro paladino do Graal que, como o Agostinho, traz-nos o maná da esperança. Ariano Suassuna tem advertido que é precisamente da favela que brotarão as sementes da viragem, a faísca riscada lá vai precipitar a eletrólise da nossa miscigenação, gerando o homem novo. Contudo pergunto, precisaremos de outro milênio?

A segunda liga o Agostinho a dois santos de sua particular devoção: Bento, de Núrsia; Francisco, de Assis. O *ora et labora* do primeiro e os esponsais com a pobreza do segundo coordenam a relação amorosa do homem com a terra. Corpo e mente só na compaixão se resolvem. E agora ponho-me a ver o nosso professor trançando as pernas por aqui, no campo em construção da nossa universidade. Sem qualquer confusão ou má vontade, prestava atenção igual aos seus pares ou à queixa dos pequenos em suas angústias cotidianas. Quantas vezes o vi zelar pela segurança dos bichos, que ele tratava como se fossem pessoas. A propósito, Víctor Alegria, seu editor bra-

(5) DOMINGUES, Joaquim. *De Ourique ao Quinto Império*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Temas Portugueses); 2002, p. 362.



## “ Convicto de que tudo começa e se decide na liberdade e na responsabilidade ”

siliense, testemunhou em *Reflexões, aforismos, paradoxos* que publicou em manuscrito: “Agostinho amava seus dois gatos. Mas amava também, igualmente, seus inúmeros amigos. Li suas últimas cartas, escritas em máquina velha e muito bem usada, e abismei-me com a vitalidade intelectual sempre a criar mensagens para o mundo futuro, onde o outro lado da tradição portuguesa cresce raízes dum novo envolvimento humanístico e espiritual. Os olhos voltados sempre a novos tempos, fecundados por oculto sêmen misterioso, que atravessa os séculos para germinar no tempo próprio, no tempo certo. Agostinho foi, é e será sempre a luz que almejamos. Até que o grande Sonho nos aproxime, definitivamente”. Igual imagem se me fixou, tal qual aquela do biótipo que riscou o Almada Negreiros numa parede da Faculdade de Letras, na Universidade Clássica de Lisboa, representando o Alberto Caeiro. Jeito camponês, pleno de energia, o cabelo espigado, o queixo firme, o olho vivo, o corpo sólido, maciço, de passo leve e todo espiritual, a iluminar o espaço que ocupava. A imantação terrestre, propícia à transcendência celeste, serve-me de arquétipo para o Agostinho, que me ficou na inteligência e na alma. Homem para quem a vocação de servir e a preservação ambiental seriam o melhor exercício de cumprir as saudades de ser santo. Não com aqueles olhos de luz abissal e fúria ultramontana do Léon Bloy que escre-

veu *Mulher pobre*, mas com a doçura da Úmbria franciscana ou a precisão esclarecida de quem, entre duas eras, constrói uma biblioteca e é eficiente no meio da reza ou do trabalho. Mais que enlevo patriótico ante o antepassado heróico, ou razão emocionada em face da aventura marítima, o que move essencialmente o pensamento de Agostinho da Silva é a alegria de ser vivo e livre, e solidário, o íntimo caroço da sua alma. Assim também, no mar ilimitado da incerteza ou nos embates do confronto entre bem e mal, flutua como estandarte a certeza de que, juntos, a mente e o corpo são apenas aspectos da totalidade que se impõe harmonizar. A conjugação de todos os contrários conforma o nosso mundo. Fatalmente, a consubstanciação de espírito e liberdade.

Antes de encerrar, eu gostaria ainda de dizer que o VIII poema do Guardador de Rebanhos serviu-me sempre como antífona de qualquer página que eu lesse na vasta obra de Agostinho da Silva. Seu livrinho *Um Fernando Pessoa*, dedicado “aos amigos dos outros”, desdobrou com brevidade profunda a unidade e diversidade da criação, reboando em linguagem belíssima a univocidade do Poeta. O autor soube ser planetário com a *Mensagem* e inaugural com o *Pastor amoroso*, sempre fiel ao mistério e missão de Portugal, que é reunir tempo e espaço para que o Tao se encontre

com o Espírito Santo. No Oriente e no Ocidente, ao Norte e ao Sul, juntos, a mesma luz pacificadora do Zen ou da Estrela de Belém. Nesta altura cumpre ainda não omitir, nesse que foi antes e sobretudo um pedagogo autêntico, o respeito para com a contribuição muçulmana e recordar particularmente sua adesão à dança mística dos Sufi, capaz de transcender Espaço e Tempo nas cirandas do êxtase. E aqui a criança irradiava aquela chama que nos liberta, até de nós mesmos, e permanece para sempre no adulto, renovando o coração. O mundo que ele anunciou como “o reinado da criança e a sacralização dos animais e tudo o resto”, para que levemos conosco “um sentido de ordem não opressiva que impeça o caos e ondas de imaginação a saudar o que ainda não veio, com uma China cada vez mais para o concreto, um Brasil todo virado ao sonho e, no meio, uma África que nos ensine a todos, já que o índio enfraqueceu por tanto século de luta. E toda a atenção a cada notícia de aurora”. Porque, em verdade, em verdade, “a verdade só na multiplicidade é verdade, e por isso se esconde no paradoxo”. (6)

Bem o advertiu quem confeccionou o folheto da programação deste Seminário.

“Mais que tudo eu quero ter pé bem firme em leve dança com todo o saber de adulto e todo o brincar de criança!”

(6) Nota I, *Id. Ib.*, pp. 178 e 183.

## Raymond Sayers

## um brazilianist

Atualmente, tendo já ultrapassado os 82 anos de idade, costumo lançar um olhar para o meu passado, procurando entender, com clareza, o que nele realizei de modo positivo, e também reconhecer o que falhou, por falta de lucidez pessoal e da ausência de apoio social. Temos a crença de que de uma temporada bélica só resulta uma visão de destroços, mas não é bem assim.

A Segunda Grande Guerra do século passado levou o governo americano a fundar um benéfico movimento cultural de "boa vizinhança", de múltiplas atividades. A distribuição de bolsas de estudos, no Brasil,



para jovens bem-dotados, foi uma ação de filantropia, oriunda dessa época. Tive, então, a felicidade de ganhar uma bolsa para ir aos Estados Unidos estudar a cultura norte-americana, na Miami University, em Oxford (Ohio), durante um ano. Não me limitei a seguir os cursos da Universidade (alguns desses cursos eram excelentes). Procurei estar presente nos eventos culturais, em que encontrava escritores americanos de alto valor. Algumas vezes, esses intelectuais eram interessados na cultura brasileira.

Foi aí, então, que tive a boa sorte de conhecer o prof. Raymond Sayers, que já tinha passado uma temporada no Rio de Janeiro e, de novo em sua pátria, cooperava, com muito ardor, no intercâmbio cultural que ligava o Brasil e os Estados Unidos. Raymond Sayers era um homem simples, modesto, discreto e laborioso. Convivia agradavelmente com estudantes estrangeiros e também com os intelectuais negros de Nova York. A todos gostava de ajudar. Creio que foi ele que me garantiu o convite da New York University para ir até lá lecionar Literatura Brasileira. Meu apego ao Brasil e à cultura brasileira é que me levaram, depois de três anos de exercício das letras brasileiras na prestigiosa instituição, a voltar para o Brasil. Mas minha amizade a esse professor e beletista durou até a sua morte.

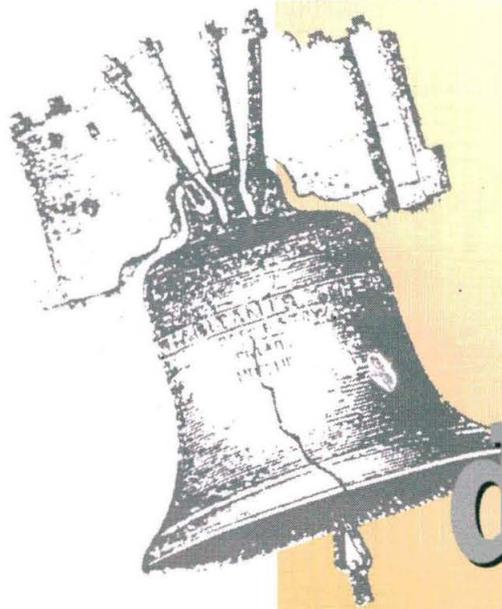
Há dias, mexendo nos meus livros, deparei com uma obra literária de Raymond Sayers: *Onze estudos de literatura brasileira*. Resolvi logo relê-la, o que fiz com muito prazer. O volume foi lançado em 1983, pela editora

Civilização Brasileira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro e a Fundação Nacional Pró-Memória. O livro começa com um excelente ensaio sobre o universo poético de Cecília Meireles e finda com uma exposição ampla sobre a literatura brasileira no Portugal oitocentista: os críticos, os jornais, as revistas. Esse volume prova que Raymond Sayers não era apenas um entusiasta da vida literária, mas, antes de tudo, um erudito.

O escritor americano não só analisa alguns dos nossos principais escritores mas também evidencia o seu interesse pelas relações raciais na literatura brasileira. Sayers valoriza basicamente o coletivo nos seus artigos mas os seus melhores ensaios – os mais finos e penetrantes – tratam dos seguintes autores: Cruz e Sousa, Castro Alves e, especialmente, Machado de Assis. No estudo “Machado de Assis e seu Otelo brasileiro”, em que compara o personagem de Shakespeare ao marido de Capitu do romance *Dom Casmurro*, obtemos a originalidade e a perspicácia do analista. Embora evidencie Sayers uma valorização dos movimentos literários e suas ideologias, isto não quer dizer que ele negligencie o exame do comportamento das figuras humanas que vemos nos romances que estuda.

O assunto racial é sempre apresentado por Sayers com critério e simpatia. É realmente uma pena que Raymond Sayers não tenha sido mais conhecido, mais divulgado, no nosso país. De qualquer modo, ele mostrou as suas qualidades de artista. Lamentavelmente, com o desaparecimento da política que sustentava o intercâmbio cultural do Brasil com os Estados Unidos, os “brazilianistas” não vêm mais ao Brasil.





# Os sinos de Maceió

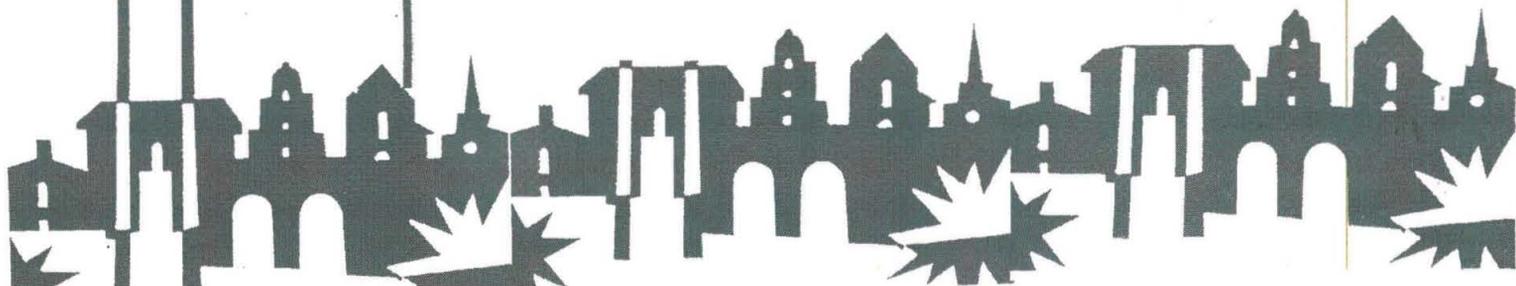
Ah, minha Maceió antiga, dos meus tempos de menino,  
Quando chamava os fiéis para a missa, ou novena,  
Pelos sonoros acordes, a voz sagrada de um sino.  
Tanto a contrita beata, como a casadoira pequena.

Iam à Senhora do Livramento levar prece ao Divino,  
Ou à Senhora do Rosário, a meiga virgem serena,  
Ou à Senhora das Graças, ofertar-lhe o santo hino,  
Ou, ainda, à Catedral banhada pela brisa amena.

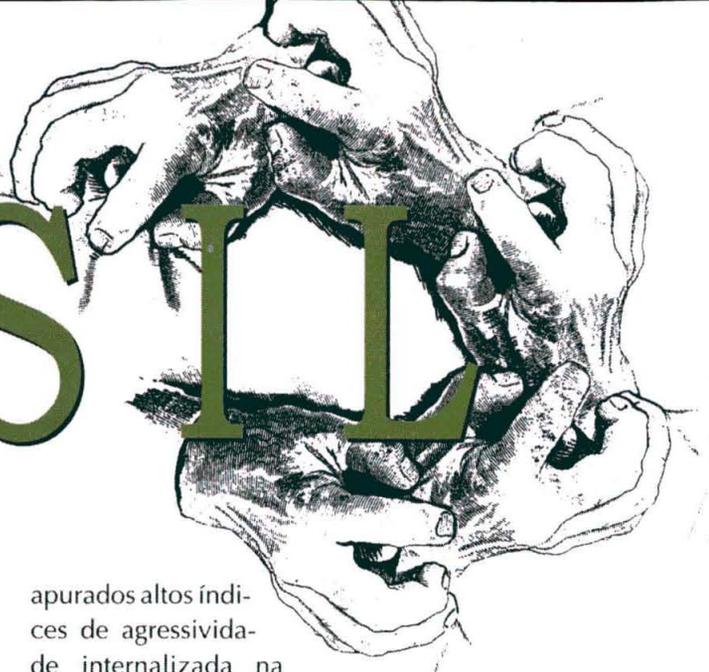
Eu olhava, abismado, no sacrário, Jesus no Horto.  
Ouvia dobres a finados anunciando ilustre morto.  
Eram assim, os nossos sinos, sagrados relicários.

Enchiam a cidade de repiques em dias de procissão,  
Tocados por competente maestro, o zeloso sacristão.  
Agora, ó Senhor Deus, estão mudos nos campanários...

□ **ATAHUALPA  
VIANNA**



# MUSIL



Estes comentários deveriam ser formulados há mais de cem anos, quando do aparecimento de *O ateneu* (1988), de Raul Pompéia; ou há mais de cinquenta, quando saía *Mundos mortos* (1937), de Octávio de Faria; ou, ainda, há quase cem anos, oportunidade em que o austríaco-alemão Musil dava a conhecer o seu primeiro romance, *O jovem Törless*, (1906). Esses três romances guardam íntima relação, pois, de uma forma ou de outra, questionam a natureza moral na visão de estudantes inseridos em estruturas repressivas. Mas ainda são comentários oportunos, pois, atualmente, são

apurados altos índices de agressividade internalizada na juventude brasileira.

A abordagem de um assunto que comparece em territórios tão distantes, com defasagem de poucos anos, mas com antecedentes premonitórios de futuros regimes totalitários, comprova a relevância da aproximação crítica de Pompéia e Musil. Independente de o Brasil ser uma nação nova, de estar construindo uma sociedade peculiaríssima, onde sobressaem a afetuosidade, a alegria e a hospitalidade – basta ver a vasta imigração nos tempos de regimes totalitários da Europa –, muitas vezes aqui a sociedade se antecipou na construção de resistências a sistemas insustentáveis para a construção de um homem moderno. Não será agora que aceitaremos um sistema familiar e educacional que pode apontar para a construção de um homem brasileiro agressivo, presumivelmente totalitário.

*O jovem Törless* saiu a primeira vez no Brasil em 1981 pela Editora Nova Fronteira, que prometeu do mesmo autor, e cumpriu oito anos depois, a publicação de *O homem sem qualida-*

e  
questões  
sobre o

# BRASIL

des – livro fundador de novas estruturas romanescas. Aquela casa editora só não completou a prometida série de obras de Lúcio Cardoso, ficando impossível ter acesso à completude de seus diários e ao seu festejado primeiro livro de poesias.

Não foi só a edição de *O jovem Törless* que saiu com atraso no Brasil. Apesar da tardia afirmação do parque editorial brasileiro, muitos livros foram publicados com atraso injustificável no Brasil, basta ver a ausência de traduções de obras de Herder, de Herzen, de *A vontade de poder*, de Nietzsche (já que aquela que circulou tempos atrás nem sequer pode ser considerada). Apesar de ter contribuído para alguma fundação da literatura brasileira, só há menos de uma década foi traduzido por aqui *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe. É vergonhosa a carência de edições decentes de nossos clássicos! Até quando continuarão inexistentes edições decentes de Machado de Assis, Raul Pompéia e tantos outros clássicos brasileiros, que às vezes ficam fora de mercado ou presentes só em edições vexatórias!

Assim, nossos jovens jamais aprenderão a gostar do livro, pois, antes de chegar a ser um elemento de formação de nacionalidade, o livro tem de ser uma jóia cobiçada pelo olhar e pelas mãos. Pais – vocês não se envergonham? –, um maço de folhas xerografadas jamais significará um livro. Um jovem que não teve alguns livros nas mãos jamais se imbuirá de humanidade para não chegar a algum tipo de personalidade totalitária. Um homem sadio tem de ser construído diuturnamente, com livros.

Brevemente, o livro de Musil estará circulando nas

bancas, nas coleções distribuídas por jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, fato que torna mais obrigatória a sua aproximação dos romances de Raul Pompéia e Octávio de Faria, e, ainda, a avaliação da edição de livros populares no Brasil.

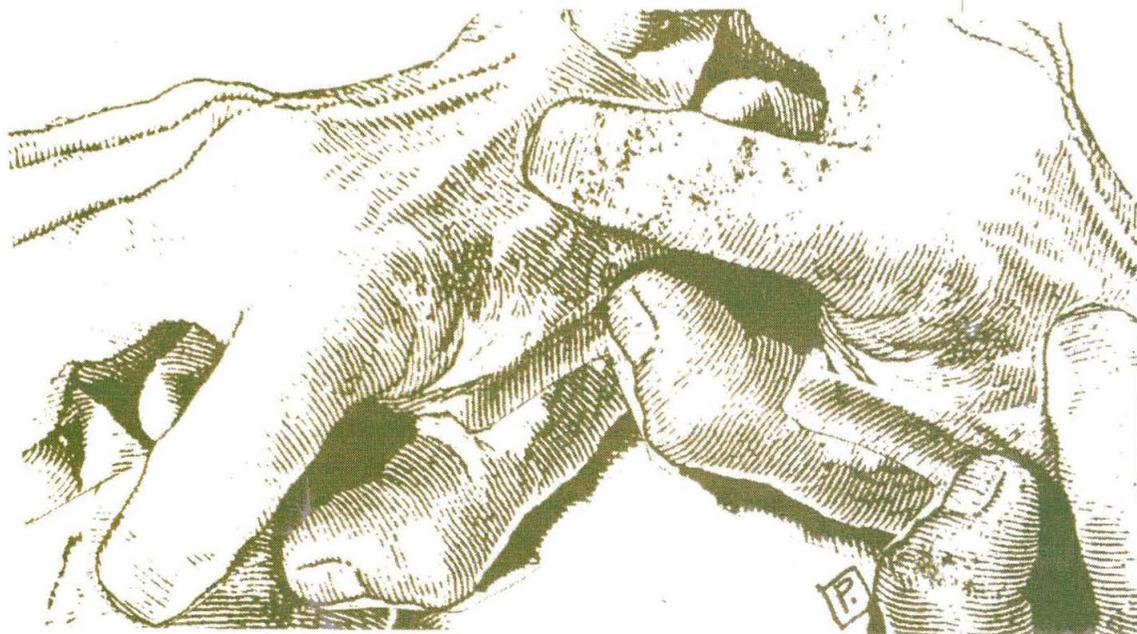
Até agora, a nossa experiência na publicação de livros de bolso é nula. Sempre que ela foi experimentada, a vestimenta não garantiu a concretização do casamento com o leitor. Os editores se limitaram sempre a obras manjadas e já com esgotadas possibilidades de mercado, sem merecer lembrança o acabamento agressivo (basta ver que elas jamais chegam aos sebos, pois todas acabam esfarinhadas nas primeiras leituras). E fatalmente serão esfarinhadas as que chegam atualmente às bancas em distribuição da Folha de São Paulo e de O Globo. Sobra, atualmente, a experiência das coleções Obras Primas, pela Nova Cultural, e Grandes Escritores da Atualidade, da Planeta DeAgostini (espanhola recém-chegada ao mercado).

Não vingaram as experiências da Rio Gráfica (do sistema Globo), que chegou a publicar modernos como Musil, Durrel e André Gide; e clássicos como Stendhal, Conrad e Maupassant. Não foram edições esfarinháveis, mas em papel desestimulante. Também a Record se

esqueceu do sucesso das edições de bolso espanholas, francesas e inglesas, que, embora baratas, muitas chegam a ser objeto de luxo. Suas edições de bolso traziam manchas apertadas, impressão suja, colagem desprezível e péssima seleção de títulos. O leitor brasileiro já está mais exigente e mais inteligente. Não quer ficar por aí sujando a mão de tinta e perdendo tempo com leitura de material descartável. Musil, em *O homem sem qualidade*, diz que “é preciso um sentido para as coisas desde que elas não têm mais conteúdo”.

Mas tudo diz que ainda temos de perseguir algum sentido e algum conteúdo. Não deixemos de louvar, no entanto, as edições de Machado de Assis, Euclides da Cunha, entre outros, pela Record, voltadas para o uso didático, pois conseguem trazer reprodução confiável do texto, melhor preço e acabamento razoável. Vamos dar algum sentido às edições, já que nova configuração se apresenta com as edições da Cosac & Naif e da Planeta. Essas editoras poderiam criar coleções respeitáveis para os clássicos de nossa literatura, que aumentassem o orgulho de suas existências e de suas leituras.

Querem manganço do leitor brasileiro! Não há como ficarmos jogando fora os nossos livros ao fim de uma viagem de metrô. Até as



editoras universitárias entram neste círculo de descaso. Como podem investir em títulos que chegam a menoscabar a construção de nossa nacionalidade? Quem abordará este assunto? Quem mete a mão neste vespeiro? Hem? Hem? Quem, quem? Saudação, no entanto, à Edusp, pela edição caprichada da série de Joseph Franck sobre Dostoievski; e à Unesp, pela reedição da obra de Dante Moreira Leite, sobretudo de *O caráter nacional brasileiro*, que pode ajudar muitos comedores de braquiária a ampliar a visão para as questões da nacionalidade. Dante Moreira Leite sabe ler, sabe interpretar, identificar as linhas do pensamento brasileiro, sem perder os pés da concretude da construção de nossa realidade.

Só conseguimos grandeza se superamos aqueles que são pináculos. Só deixamos de ser campeadores de nelores quando conseguimos tirar o chapéu para os construtores de nossa nacionalidade. Só não nos derrotaremos quando nosso projeto não demolir, mas construir junto. Por mais que o ato criativo seja solitário, a construção não tem significado sem a participação do outro, principalmente do outro que veio antes. Se eu fosse algum pináculo, tiraria o chapéu para Dante Moreira Leite, que não desmerece os seus antecessores, pois quer construir a partir do ponto em que deixaram o arcabouço da construção da nacionalidade. Mas, se eu tirasse o meu chapéu, da altura de minha pequenez só conseguiria saudar os seus pés. Não podemos querer zombar dos campeadores se não conseguimos nos libertar nem mesmo de nosso próprio chapéu.

Mas, só para fechar a questão de Musil e Raul Pompéia – apesar de ser mais recente (1937), o livro de Octávio de Faria é o mais retrógrado na questão da abordagem do



totalitarismo, talvez por isso não tenha merecido mais reedições. Alega que é o divino que coíbe os impulsos violentos no instante da gestação da liberdade (antes o Reich já demonstrara que o divino e o autoritarismo da família possibilitam a implantação de regimes totalitários). Em Raul Pompéia, o agente repressor é a própria estrutura em que está inserido o homem para ser construído, indicando que o repressor destrói a personalidade ou constrói uma personalidade totalitária. E, em Musil, é o homem, antes de qualquer sistema, o agente repressor. E mais: o homem de Musil – este que está inserido na modernidade – não se defende da

construção da repressão, deixa que ela se construa e o afete mortalmente.

É uma situação inverossímil para a compreensão humana, mas Musil entende também que a repressão está integrada ao impulso do homem para alcançar a liberdade. Se o homem é livre, mas não entende o que significa a liberdade, vai se julgar com o direito de usá-la para a agressão e, fatalmente, o assassinato. Portanto, se não coibimos, se não construímos a liberdade no indivíduo, podemos construir o repressor, podemos construir o totalitário em nós próprios, ou construir o agressor que irá nos abolir.

Entrevista concedida  
ao escritor Newton Rossi.

# 7 Indagações

ao Secretário de Cultura do Distrito Federal

Embaixador Pedro Henrique Bório

1ª

**Como diplomata, o senhor, certamente, conheceu diversas culturas em todo o mundo. De que maneira essa experiência pode ser aplicada em Brasília, uma vez que aqui, na Capital Federal, convivem várias representações diplomáticas, que podem dar valiosa colaboração à cultura local?**

Das experiências internacionais, acredito que as mais interessantes sejam as relativas a ter podido observar como outra capital planejada, que é Washington, se comporta em relação à sua vasta gama de atividades culturais e à combinação cultura e turismo, da maior importância também por sua relevância econômica para aquela cidade. Nesse sentido, a construção do Complexo Cultural que o governador Joaquim Roriz já iniciou, resgatando uma "dívida" de mais de 40 anos, tem um evidente paralelo com a implantação em Washington do Kennedy Center e de muitos dos museus daquela capital, como de certo modo também com o caso do Lincoln Center



de Nova York. Trata-se de obra de importância central, e ainda não de todo compreendida, não só para o DF, como para Brasília, e para todo o país.

Já o aumento da presença inter-

nacional em Brasília com certeza contribuirá cada vez mais para que a cidade pertença a um circuito de artes mais arejado e de melhor nível. Isso já vem ocorrendo, por exemplo, nas parcerias

com certas Embaixadas, e mesmo com países em grupo, para semanas de cinema, exposições, concertos e outras.

## 2ª

**As atividades culturais em Brasília são muito intensas e os ativistas que as realizam nem sempre têm o apoio que merecem ou de que necessitam. Quais as linhas de ação prioritárias de sua atuação à frente da Secretaria?**

Acredito que a relação da Secretaria, do Governo, com quem de fato faz a cultura precisa ser cada vez mais fluida, aberta. Para isso, tenho procurado ouvir ao máximo, participar e repetir que tanto as sugestões quanto as críticas são e sempre serão bem-vindas. No caso das críticas, especialmente as que também tragam sugestões. Nessa mesma linha, creio que o papel de interlocução do Conselho de Cultura, do Conselho de Cinema e Vídeo, das entidades que congregam os artistas e outros tem crescido, e é bom que assim seja. Ademais, temos procurado reforçar as ligações com as administrações regionais, e com quem nelas se ocupa da cultura, já que atuam muito próximos de suas comunidades e têm capacidade que pode ser mais explorada de colaboração na definição de atividades e de como gastar de modo cada vez mais criterioso e com melhor foco os recursos públicos, que no campo da cultura são por definição quase sempre escassos.



## 3ª

**Os artistas, daqui e de fora, reclamam da falta de espaços para apresentarem-se e do preço elevado do aluguel das salas de espetáculos existentes em Brasília. A Secretaria tem algum plano para fomentar a criação de novas salas e, ainda, estímulos para torná-las atrativas às companhias e ao público?**

A meu ver, a questão dos preços das salas é em boa medida um

**“ O aumento da presença internacional em Brasília com certeza contribuirá cada vez mais para que a cidade pertença a um circuito de artes mais arejado. ”**

mito. Primeiro, porque é preciso lembrar que esse tipo de "reclamação" normalmente se refere à Sala Villa Lobos, a mais importante daquele que afinal é – como o nome o diz – o Teatro Nacional da Capital do País, ou seja, que deve ter como alvo ser o mais nobre dos espaços cênicos do Brasil. Além disso, a maioria desconhece que os custos de manutenção do Teatro Nacional são altos, ou que teatros similares pelo país afora cobram taxas muitas, e até muitíssimas vezes, superiores às daqui. Por fim, é preciso assinalar que as taxas arrecadadas vão precisamente para o Fundo da Arte e da Cultura, ou seja, para o fomento da própria produção artística do DF. De todo modo, estamos estudando fórmulas tais como a maior segmentação de preços de ingressos, para tornar os espetáculos mais acessíveis.

O Governo do DF, tem sim, planos para aumentar os espaços; por exemplo, o projeto também já anunciado pelo governador Roriz

de construir seis centros culturais em cidades-satélites. Além disso, temos procurado revitalizar os próprios espaços existentes, como é o caso da Concha Acústica, hoje em fase final de recuperação e que certamente muito em breve voltará a brilhar. Acompanhamos com todo interesse, ainda, a reabertura dos espaços que são do DF mas estão cedidos à Funarte, em convênio, e que, confiamos, logo voltarão a ser opção importante. Por outro lado, o próprio Complexo Cultural da Esplanada ainda prevê, além da Biblioteca iniciada e do Museu já em licitação, um grande conjunto de salas multimídia, de lojas, cafés e outros, bem como um grande centro musical e um cinema de 180 graus, cuja construção confiamos em breve poder iniciar em parceria com a iniciativa privada. Ressalto que esses espaços não têm qualquer similar em grandeza em todo o Brasil, e, quem sabe, mesmo na América do Sul. O impacto de sua construção para Brasília e sua cultura, e até para o país, será de excepcional importância.

**4ª**

**Quais são as propostas de atuação da Secretaria para as Regiões Administrativas do Distrito Federal?**

A Secretaria está dando especial ênfase à descentralização e à inclusão, à atuação cada vez mais intensa nas satélites e com as satélites, já que nelas se constata produção cultural muito vigorosa, identidades e vocações bastante afirmativas. Por exemplo, e para citar apenas a música, há forte presença de ascendência nordestina no Núcleo Bandeirante, *reggae*

em Ceilândia, *hip hop* em Sobradinho, e muito mais. Há, ainda, evidente apreciação do que é bom, o que temos sentido notadamente ao levarmos a Orquestra Sinfônica para número cada vez maior de concertos nas satélites, com excelentes resultados. O Cinema Voador também cresceu muito, com quase 300 sessões programadas no ano passado, o projeto Arte por Toda Parte que poderá chegar a quase 600 espetáculos, e assim por diante. Há também possibilidades, que estamos explorando, de muito melhor articulação para uso de espaços já existentes, como os teatros da Praça de Taguatinga, o de Sobradinho, o Cine Itapoã do Gama, a Casa do Cantador da Ceilândia, e de cada vez maiores parcerias com entidades como as próprias Administrações Regionais, o SESI e a PUC de Taguatinga, ou mesmo o Centro Cultural do Banco do Brasil, com o qual estamos em conversação sobre ações conjuntas em áreas do DF onde eles ainda não atuam.

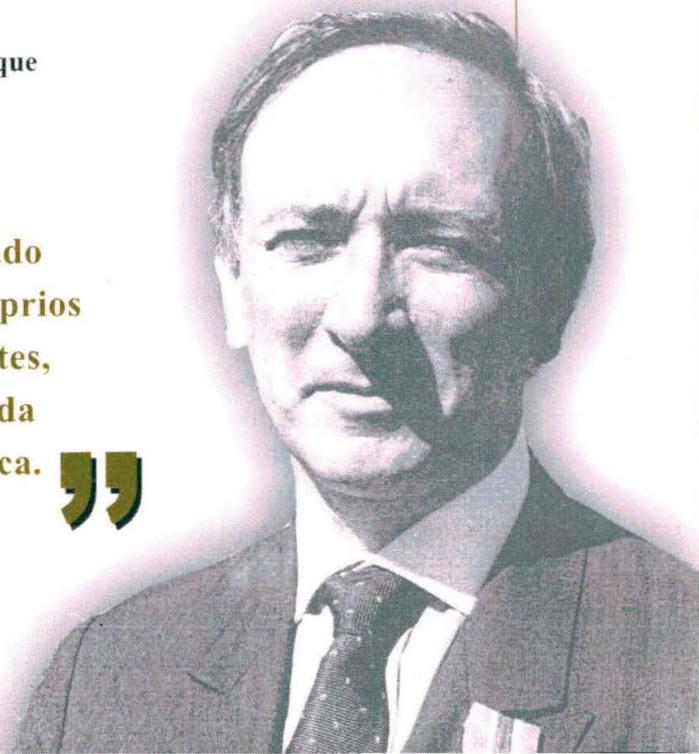
**5ª**

**Existem projetos de amparo e formação das vocações artísticas de nossa cidade que já deram ao Brasil valores**

**“ Temos procurado revitalizar os próprios espaços existentes, como é o caso da Concha Acústica. ”**

**extraordinários, conquistando, para nosso orgulho, os mais calorosos aplausos?**

Seguramente, o melhor projeto de amparo às vocações artísticas do DF hoje é o Fundo da Arte e da Cultura, que dobrou em recursos em relação a 2002, ultrapassando 4 milhões de reais; em 2003 apoiou cerca de 280 projetos dos 478 que examinou, em contraste com cerca de 120 em 2002, de 228 recebidos. O Fundo consolidou credibilidade, tem baixíssimo índice de inadimplência, é muito democrático e também está ganhando qualidade. Em relação não apenas ao fomento financeiro em si, eu diria que há muito o que fazer – e esperamos conseguir –, com o aumento de oficinas de formação especialmente na periferia, na cooperação com a Escola de Música, nas parcerias com as universidades, na revitalização do Pólo de Cinema e em tantas outras vertentes. Isso, porém, só alcançará seu máximo potencial se contarmos com maior parceria com os próprios artistas, talentos, jovens – e por que não falar? – com os próprios empresários locais.





## 6ª

**À semelhança do que ocorre com o cinema, havia em Brasília o Encontro Nacional de Escritores, promovido pela extinta Fundação Cultural do DF. Há possibilidades de revivê-lo, tendo em vista o seu potencial gerador de novos valores da intelectualidade?**

Há, sim, espaço, seja para possível retomada do Encontro, seja para maior atenção aos escritores. Acredito que já na Feira do Livro de 2003, avançamos um pouco nessa direção. Na mesma linha, o FAC aprovou número recorde de projetos de escritores locais no ano passado.

## 7ª

**Senhor Secretário, as manifestações artísticas do Distrito Federal – as artes plásticas, o teatro, o cinema, a música, a literatura, entre outras – clamam por mais justas oportunidades para realizarem-se e transformar Brasília na Capital Brasileira da Cultura. Com sua visão**

## “

**O melhor projeto de amparo às vocações artísticas do DF hoje é o Fundo da Arte e da Cultura.**

## ”

**universalista, como o senhor vê a possibilidade de se estabelecerem parcerias com outros estados e com outros países, visando atrair recursos que atendam às demandas artísticas e culturais da capital brasileira, de modo a elevá-la à capital cultural de nosso país?**

Tenho procurado em muitos contatos com os estados, especialmente com os colegas secretários de Cultura ou presidentes das Fundações Culturais, e ainda com artistas, produtores e outros, enfatizar que Brasília também quer cada vez mais ser a vitrine do que há de melhor do Brasil, ou seja, quer aliar sua vigorosa produção local à vinda crescente para cá do que de melhor se produz nas artes em todo o país. Esses contatos já avançaram um pouco mais nitidamente com o Centro-Oeste, e caminhamos para a implantação de um circuito regional, com maior intercâmbio.

Já sobre a inserção internacional, tenho repetido que Brasília

pode e precisa se integrar ao que poderíamos chamar de circuito internacional de primeira classe, do qual faz parte apenas marginalmente, até porque, por exemplo, ainda não conta exatamente com algo como o Complexo Cultural. Ou seja, Brasília ainda não pode sequer receber exposições internacionais de maior porte. Essa é uma imensa tarefa, que demandará de todos os segmentos culturais do DF muito profissionalismo, conhecimento profundo dos padrões internacionais, planejamento de cada vez mais longo

prazo e recursos importantes.

Sobre esses recursos, é preciso lembrar que, até o momento, o governador Roriz não pôde contar com qualquer aporte federal para essas obras, apesar de emenda ao orçamento da União destinar 31 milhões de reais para o Complexo Cultural, bem como 25 milhões para a reforma do Centro de Convenções – outro projeto da maior magnitude e que também tem íntima relação com a dinamização da cidade. Portanto, a meu ver é preciso mobilização cada vez maior, e de todos, já que os investimentos em cultura, assim como igualmente ocorre com o turismo – e especialmente quando ambos estão combinados como hoje no DF –, comprovadamente dão resposta rápida e muito intensa. Assim, Brasília tem muito a ganhar ao enfrentar esse desafio com toda a sua típica capacidade de fazer muito rápido e bem, aliás inspirada no seu próprio melhor exemplo, o do presidente Kubitschek, que sempre nos serve de inspiração e de alento.

# Schumann – Myrthen Op. 25

Leipzig, 1840

Tradução livre de **Flávio R. Kothe**

## **Widmung** – Dedicatória – F. Rückert

Tu, minha alma; tu, meu coração; tu, minha alegria;  
[tu, minha dor;  
tu, meu mundo em que vivo; tu, meu céu em que flutuo;  
ó tu, minha tumba, em que depus para sempre a  
[minha inquietação.  
Tu és o repouso, tu és a paz, tu és pelo céu a mim  
[destinada.  
Que tu me amas, me dá valor a mim, e o teu olhar me  
[sublima;  
tu me elevas além de mim, meu anjo bom, meu  
[melhor eu.  
Tu, minha alma; tu, meu coração; tu, minha alegria;  
[tu, minha dor;  
tu, mundo em que vivo; tu, céu em que flutuo; meu  
[anjo bom, meu melhor eu.

## **Freisinn** – Espírito liberal – Goethe

Deixem que eu fique em cima da sela!  
Fiquem vocês em suas casinhas, em suas tendas!  
Que eu alegre cavalgo para o distante,  
acima do meu boné somente as estrelas.  
Ele pôs a mente como guia em terra e mar  
para que vocês se alegrem olhando sempre para o alto!  
Deixem que eu fique em cima da sela!  
Fiquem vocês em suas casinhas, em suas tendas!  
Que eu alegre cavalgo para o distante,  
acima do meu boné somente as estrelas.

## **Dernussbaum** – Anogueira – J. Moser

Floresce uma noqueira diante da casa,  
perfumada ela estende os seus ramos.  
Muitas flores adoráveis estão pendentes,  
suaves ventos vêm envolvê-las com ternura.  
Murmuram divididos de par em par,  
inclinam com delicadeza as cabeças aos beijos.  
Sussurram sobre uma jovem, que pensaria noite e dia  
sem saber sobre o que seria.  
Sussurram, sussurram, quem saberia  
se é tão suave o que diriam,  
sussurram sobre um noivo e o ano que vem.  
A jovem escuta, vibra a planta;  
suspira, delira, sorri no sono e sonho.

## **Jemand** – Alguém – R. Burns

Meu coração está sombrio, não o digo, meu coração  
[está sombrio por Alguém:

eu poderia vigiar a noite mais longa, sempre sonhando  
[com Alguém.

Ó fascínio por Alguém! Ó céu de Alguém!  
Eu poderia percorrer o mundo inteiro por amor a  
[Alguém.  
Poderes que guardam o Amor, ponham-se a sorrir por  
[Alguém,  
protejam Alguém onde perigos ameaçam, dêem-lhe  
[um salvo-conduto.

Ó fascínio por Alguém! Ó céu de Alguém!  
Eu gostaria, oh! que não gostaria eu pelo meu, pelo  
[meu Alguém!

## **Lieder** – Canções – Goethe

Canção I  
Sentado sozinho, como estar melhor?  
Meu vinho eu bebo sozinho;  
ninguém me impõe limites,  
posso assim pensar por mim.  
Sentado sozinho, como estar melhor?  
Como estar melhor? Como estar melhor?

Canção II  
Não ponhas, ó brutamontes, o caneco  
de modo tão brutal ante o meu nariz!  
Quem aqui me trouxe o vinho,  
sirva com todo carinho,  
senão se estraga o vinho.  
Ó amável rapaz à porta do boteco,  
vem para cá, não fiques por lá!  
Ora em diante tu me servirás,  
tu esse vinho não me azedarás.

## **Dielotosblume** – A flor de lótus – H. Heine

A flor de lótus se assusta com o fulgor do sol,  
e com a cabeça inclinada aguarda a noite sonhando.  
O luar é seu amante, ele a acorda com sua luz,  
e ela desnuda amiga suas piás feições de flor.  
Ela se eleva e arde, e brilha, olhando calada para o alto:  
ela perfuma e geme, e treme,  
de tanto amor e temor, de tanto amor e temor.

## **Talismane** – Talismãs – Goethe

De Deus é o Oriente! De Deus é o Ocidente!  
Terras do Norte e terras do Sul, estão em paz na sua mão.  
De seus cem nomes, seja esse altamente louvado!  
[Amém.

De Deus é o Oriente! De Deus é o Ocidente!  
Fazer-me errar quer a errância, mas tu sabes tirar-me  
[do erro.  
Quando eu ajo, quando escrevo, dás direção a meu  
[caminho!  
De Deus é o Oriente! De Deus é o Ocidente!  
Terras do Norte e terras do Sul, estão em paz na sua  
[mão. Amém! Amém!

### **Lied Der Zuleika – Canção da Zuleika – Goethe**

Como com íntimo deleite captei teu sentido, ó canção!  
Com amor pareces dizer: estou a seu lado, do seu lado  
[estou.  
Sempre se lembre de mim sua amada bem-aventurança,  
dando de presente o distante a quem a vida lhe dá.  
Sim, meu coração é o espelho em que tu, amigo, te  
[miras;  
teu sinete nesse peito, beijo após beijo, imprimas.  
Doce escrita, pura verdade me prende em simpatia!  
Pura encorpa a clareza do amor nas feições da poesia.  
Como com íntimo deleite captei teu sentido, ó canção!  
Com amor pareces dizer: estou a seu lado, do seu lado  
[estou.

### **Die Hochländer-Witwe – A viúva do montanhês – R. Burns**

Vim para as Terras Baixas, ai, ai, ai!  
Tanto me espoliaram que de fome eu morro.  
Assim não era lá nas montanhas, ai, ai, ai!  
Não havia nos vales e cumes mulher mais feliz,  
pois vinte vacas eu tinha então, ai, ai, ai!  
Manteiga e leite elas me davam, e no campo pastavam!  
E sessenta ovelhas eu tinha, ai, ai, ai!  
Com lâ macia, na geada e na neve me aqueciam.  
Ninguém era mais feliz que eu no grande clã:  
Donald era o homem mais belo, e meu era Donald.  
Assim foi, assim tudo era até Charles Stuart chegar  
para a velha Escócia libertar:  
Donald precisou então à pátria o braço emprestar!  
O que ela mandou fazer, quem não sabe?  
Mas o injusto ganhou do justo, e no campo  
sangrento de Culloden caíram senhor e servo.  
Oh, que eu tenha vindo às Terras Baixas, ai-ai-ai!  
Ora mulher mais infeliz não há da montanha até o mar!

### **Lieder Der Braut – Canções da noiva – F.**

Rückert

Canção!

Mãe, minha mãe!  
Não creias que por amar a ele tanto  
eu deixe de amar a ti como antes!

Mãe, minha mãe!  
Desde que a ele eu amo  
é que agora eu te amo tanto,  
deixa eu te puxar para o meu peito  
e te beijar como ele faz, como ele faz!  
Mãe, minha mãe!  
Desde que a ele eu amo  
é que agora eu te amo tanto,  
tu que me deste essa vida  
que ora se tornou tão querida,  
que ora se tornou tão querida.

Canção II

Deixa-me recostar em teu peito, mãe, minha mãe!  
Deixa o temor.  
Não perguntes: como tudo vai calhar?  
Não perguntes: como isso vai acabar?  
Acabar? Nunca deverá acabar!  
Calhar? Nem mesmo eu sei como!  
Deixa-me recostar no peito, deixa!

### **Hochländlers Abschied – Despedida do montanhês – R. Burns**

Meu coração mora nos montes, meu coração não  
[mora aqui,  
meu coração mora nos montes, no recanto da mata.  
Lá o cervo ele caça, lá o corço persegue;  
onde quer que eu esteja, meu coração mora nos  
[montes.

Sejam felizes, ó montes cobertos de neve,  
sejam felizes, ó matas, pedras cobertas de musgo,  
ó regato a cair em cores mil!

Meu coração mora nos montes, meu coração não  
[mora aqui,  
meu coração mora nos montes, no recanto da mata.  
Lá o cervo ele caça, lá o corço persegue;  
onde quer que eu esteja, meu coração mora nos  
[montes.

Adeus, morros meus, meu secreto lugar,  
está lá o berço da liberdade, o berço da coragem.  
Para onde quer que eu vá, onde quer que eu esteja  
tudo para os montes me atrai, para os montes me atrai.

### **Zum Schluss – Como conclusão – F. Rückert**

Aqui nesses ares opressos onde a melancolia floresce,  
trancei para ti, irmã, de noiva a grinalda imperfeita!  
Quando formos admitidos lá no alto,  
e o filho do divino nos contemplar  
o amor há de trançar, noiva-irmã, a grinalda perfeita!

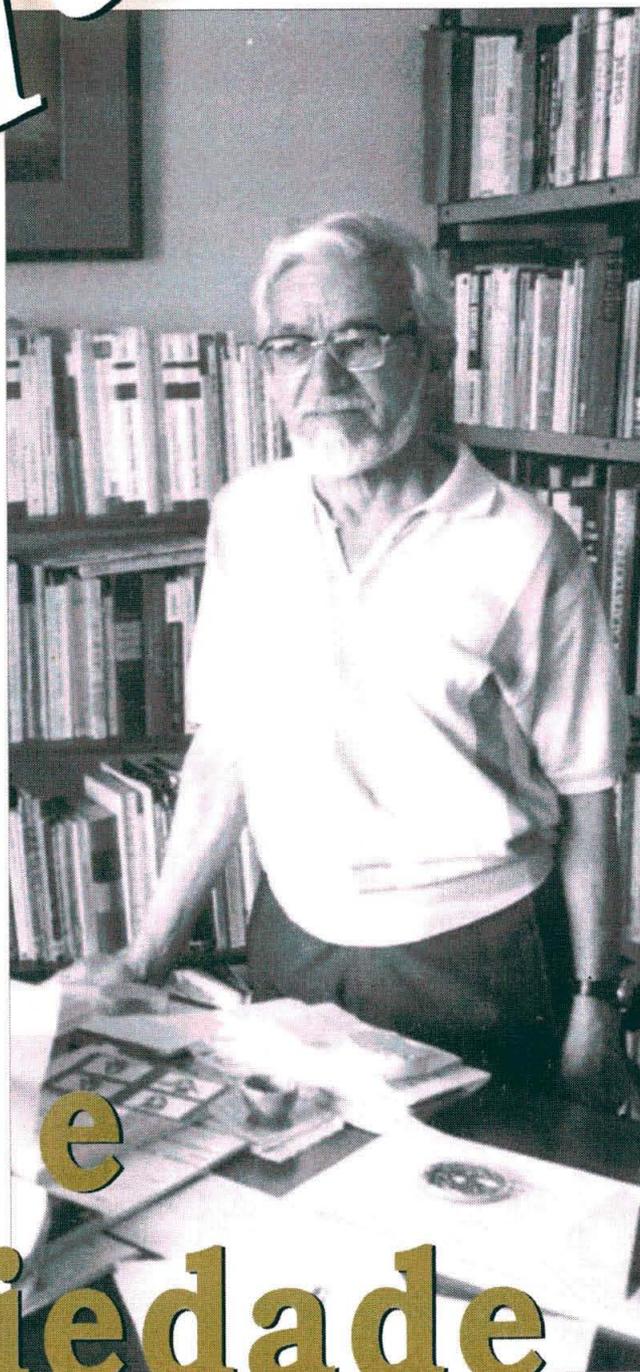
# Oswaldino Marques

Em novembro de 1984 Oswaldino Marques trouxe de volta os poemas que eu lhe mostrara no primeiro encontro e que seriam publicados posteriormente com o título de *Cantigas*, obra que merecera, de sua parte, a introdução intitulada "Na outra ponta do arco-íris".

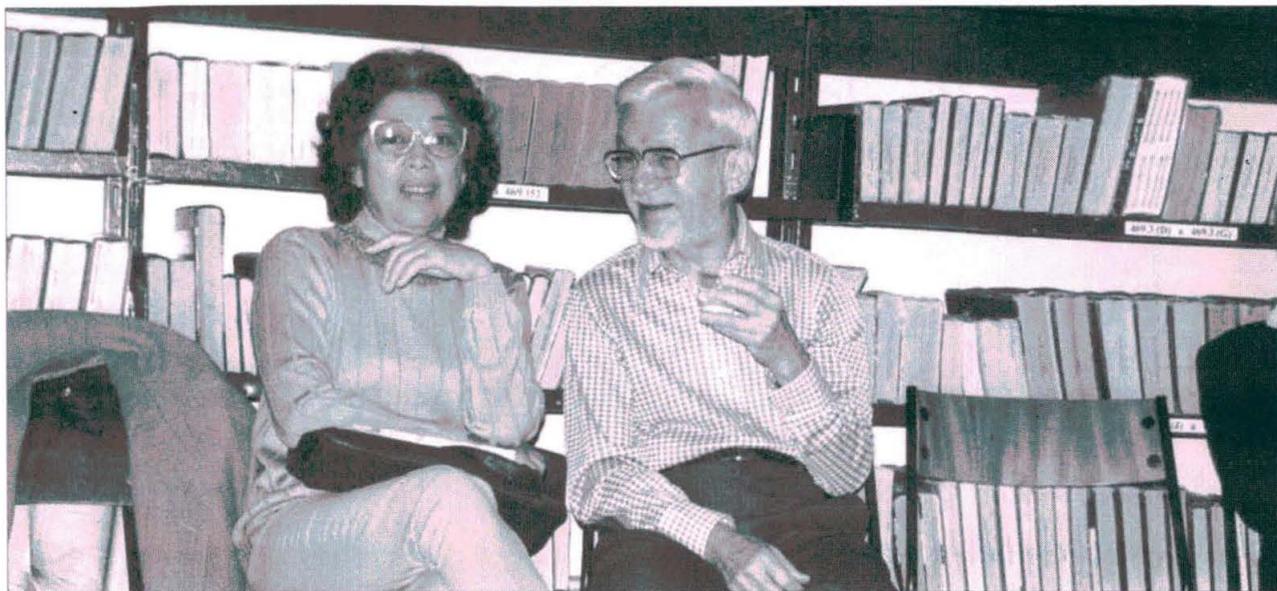
Neste segundo encontro a autora estava aflita, na expectativa de qual viria a ser a opinião do mestre que acabara de conhecer. Mas com a sensibilidade aguda que lhe era própria Oswaldino, tendo percebido o natural estado emotivo de sua interlocutora, trouxe para uma rápida leitura a dois o seu *A dançarina e o horizonte*, editado em 1977. Estabeleceu-se então o clima de cordialidade que perdurou por todo o tempo em que ele estivera entre nós.

Além do crítico, do lingüista, do ensaísta com visão sociológica do mundo, e poeta, Oswaldino possuía assim uma outra dimensão, recôndita, prevalente nos gestos e atitudes diante do mundo: a solidariedade.

A partir de três obras, dentre outras, de diferentes épocas, *A arte do amor*, de Amaru, séc. VII d.C., *Discurso sobre o belo*, de Goethe, princípio do séc. XX, e a introdução, da lavra de Oswaldino a uma coletânea de poemas, 1986, intitulada "O prisma e o arco-



## Beleza e solidariedade



íris”, é possível observar a evolução dessa sensível postura da humanidade com relação ao outro, através dos tempos.

Em escritos atribuídos a Amaru, século VII d.C., diz-se que Saravati, deusa hindu da lírica e da música, concedera a Shankara um prazo para que ele discorresse sobre o amor conjugal, ele que tinha vivido em celibato. Shankara passou a conviver com várias mulheres e, tendo adquirido grande experiência e sabedoria, venceu Saravati no desafio que se propuseram. Aproveitando essa experiência, Shankara escreveu um tratado sobre a arte do amor em que as mulheres são descritas com simpatia e compreensão, e os homens como amadores.

“Atingido pelo lótus que ela passeava nas mãos, o amado, cujos lábios estavam escandalosamente marcados pelos dentes de outra mulher, permaneceu quieto, de olhos cerrados, como se o polem da flor houvesse neles penetrado.”

(Amaru, *A arte do amor*, poema 17)

“Quando o amado adentrou o leito

.....

Quando aprisionada em seu abraço

Eu sequer podia lembrar quem era ele

Ou quem eu era, e como se dera nosso encontro.”

(Amaru, *A arte do amor*, poema 19)

Em Oswaldino, ao contrário de em Amaru, o poeta já tem a posse dos elementos que norteiam os seus sentidos na relação com o outro. Já não é aprendiz. É sujeito em plena consciência de sua entrega e do objeto de seu gesto.

“Não, não é o mar no ofego das ondas  
São os teus seios bojando-se cremosos.”

(Oswaldino, *O prisma e o arco-íris*)

“Eu quase não te ouvia estava por inteiro estonteado  
Com o jogo das corolas a rivalizarem com tua face,  
Do cetim das pétalas a querer suplantar a maciez  
de teu colo.

.....

Tudo em pura perda, pois tua feiticeira beleza  
Ofusca, Luaríril, o esplendor dos rosais.”

(Oswaldino, *O prisma e o arco-íris*)

“Se moldo a argila querendo

Fazer uma alfaia,

E sai-me um cântaro,

É ela digo que, invisível,

Pondo seu corpo de permeio,

Guiou meus dedos por suas ancas.”

(Oswaldino, *O prisma e o arco-íris*)

Oswaldino torna concreto o que predissera Rainer Maria Rilke em sua *Cartas a um jovem poeta*, em 1904.

“Esta humanidade da mulher há de vir à luz nas transformações de sua situação exterior, as convenções de exclusiva feminilidade... Um dia ali estará a moça, ali estará a mulher cujo nome não significará apenas uma oposição ao macho nem suscitará a idéia de complemento e de limite, mas sim a de vida, de existência: a mulher ser humano. ... E esse amor mais humano assemelhar-se-á àquele que nós preparamos lutando faticosamente, um amor que consiste na mútua proteção, limitação e saudação entre duas solidões.”

Essa disposição fica explícita na obra de Oswaldino:

“Transcorreu tanto tempo que fiquei sem saber se você é que se derramava em mim ou se eu é que me enxugava em você. Ou se eu é que me derramava.”

(“Xérox de sonho”, *O prisma e o arco-íris*, pág. 41)

Essa busca eterna pela beleza, que pode definir-se como o traço verdadeiramente humano da humanidade, um dia trará para nosso gáudio outros poemas eróticos de Oswaldino Marques, que por acaso se achem ocultos em alguma gaveta... Quem sabe? Pois...

“O belo é manifestação de forças ocultas da natureza. Se o belo não se manifestar, essas forças permanecerão para sempre ocultas.”

(Goethe, *Discurso sobre o belo*)

# O fraseado imaginativo do compositor popular

□ RENATO VIVACQUA

Os compositores populares brasileiros são de inesgotável inventiva. Neste meu artigo pretendo mostrar o talento com que eles pinçam expressões do dia-a-dia enraizadas e criam outras, encaixando-as com extremo oportunismo em suas obras. Começemos com um painel zoológico.

Ataulfo Alves filosofa em seu excelente samba "Laranja madura":

Laranja madura  
Na beira da estrada  
Ta bichada, Zé  
Ou tem marimbondo no pé.

A bicharada continua desfilando. Conde e J. Romero recomendam:

Calado é bom  
Sisudo é bonito  
Boca fechada  
Não entra mosquito.

No início do século passado, um senador do Piauí foi apelidado de Vaca Brava. Em certa ocasião foi apertado com ironia: "Vossa Excelência, com certeza quer me avacalhar". Não demorou e o termo foi parar nas ruas:

Neste Rio de Janeiro  
Neste centro abençoado  
Seja pobre ou rico  
Tudo está avacalhado.

O moté do Barão de Itararé, com sua mordacidade, é aproveitado na composição carnavalesca "Marcha da galinha".

Rico come peru, rico come contente  
Pobre quando come galinha, meu irmão,  
Um dos dois está doente.

A penúria de Zé da Zilda não podia ser mais bem expressa:

Eu dou pulo e dou salto  
Até pareço um cabrito  
Mas dinheiro no meu bolso  
É língua de mosquito!

O careca é a contragosto um referencial. Antônio Brasil, Jota Amâncio, Manoel Vieira e Célio Cordeiro mostram isso:

Na careca dele a moçada tá de olho  
A careca do careca é tobogã de piolho.

Antes de ser o bruxo milionário, Paulo Coelho foi um talentoso parceiro de Raul Seixas. Dois provocadores:

Eu sou a mosca que pousou na sua  
[sopa.

Mostra ojeriza aos machões. O camarão é saída para José Ribas e Alédio Santos:

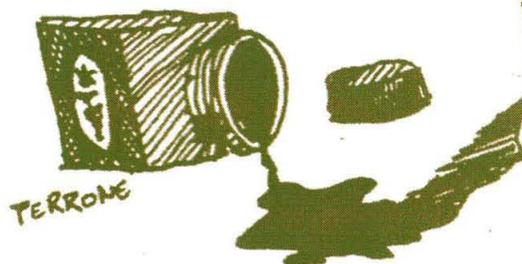
Eu só entro em pagode  
Que tenha muita mulher  
Porque na minha opinião  
Barbado só camarão.

Na década de 50 o carro Cadillac era chamado rabo de peixe, pelo formato da traseira. Gilberto Martins e Ary Monteiro foram ao tema:

Você quer rabo de peixe  
Conversível ou baratinha  
Pra que você não me deixe  
Dou-lhe um rabo de sardinha.

Carlos Roberto é outro que quer distância do GLS:

Essa não, homem eu não vejo  
Mulher é meu desejo.  
Mas homem "Credo em cruz"  
Não tenho paladar de avestruz.



Criativa observação é a de Panchito, Clóvis Lima e Nascimento Filho:

Se mamão tivesse vitamina  
Sabiá não tinha a perna fina.

O mesmo Nascimento Filho, agora com José Roy e Julio Carlos, está convicto:

Eu nasci pra ser sultão  
Uma andorinha só não faz verão.

Roberto Bittencourt não quer muita conversa:

Quem refresca pé de pato é lagoa  
Essa é boa, essa é boa  
Pega outro alguém  
Não vem que não tem.

Os ditados zoológicos são apreciados pelos compositores. Vicente Longo e Waldemar Camargo mostram esperteza:

Papagaio come milho,  
Periquito leva a fama  
Quem é bobo fica em casa  
Quem não chora não mama.

O "zoólogo" Vicente Longo continua com Waldemar Camargo, durão:

Tá na hora da onça beber água  
Morena, morena  
É hoje que você me paga.

O experiente Rutinaldo está atento:

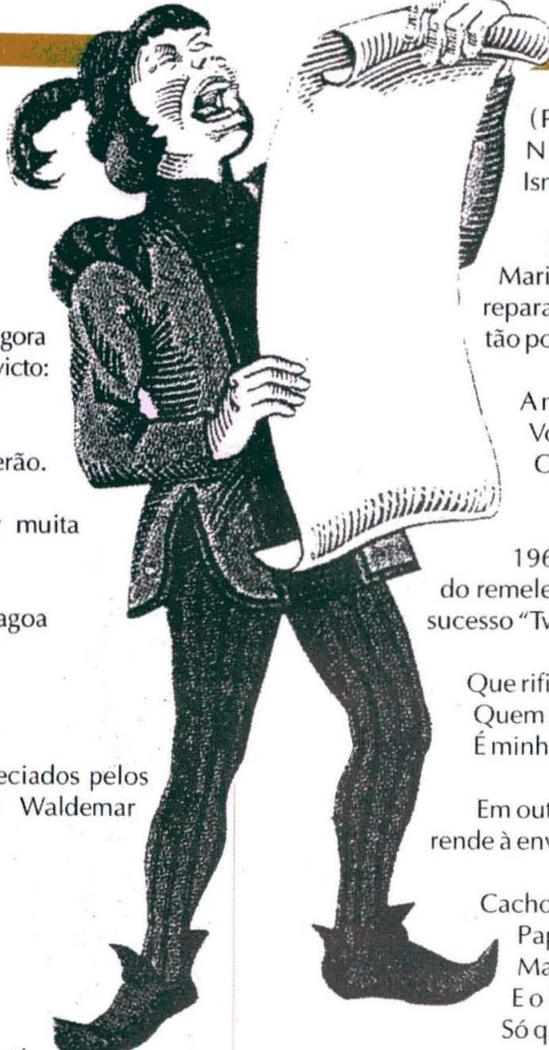
Papai é macaco velho  
Não bota a mão em cumbuca  
Não boto, não boto, não boto porque machuca.

Sebastião Gomes, Haroldo Lobo, um dos nossos maiores compositores carnavalescos, e Júlio Leiloeiro, que lhe comprava parcerias mais para ajudá-lo a sair do sufoco, preferem as lolitas:

Morcego voa e não é passarinho  
Gosto de broto e não sou cabritinho.

Aliás, cabrito conformado é o que não falta:

Vou trocar você por um cabrito  
Não quero grito, não quero grito  
O bom cabrito não berra  
Já disse alguém com razão.



(Paulo Rogério, Hélio Nascimento, Leopoldo, Ismael)

No carnaval de 70 Aluízio Marins, M. Alves e Esaer Lima (já repararam a fartura de autores para tão pouco conteúdo?) lamentam:

Amaré não tá pra peixe  
Vou pegar tatu na serra  
O bom cabrito não berra.

João de Barro e J. Jr., em 1962, já antecipavam o boom do remelexo dos bum-buns no grande sucesso "Twist no carnaval":

Que rififi, que futebol  
Quem se remexe  
É minhoca no anzol.

Em outra composição Braguinha se rende à envolvimento da mulher:

Cachorro se prende pelo pescoço  
Papagaio pelo pé  
Macaco pela cintura  
E o homem por onde é?  
Só quem sabe é a mulher.

A cobra também despertava inspirador fascínio:

Seu dinheiro é igual a pé de cobra  
Ninguém vê.  
(Picolé da Beija-Flor/Dicró)

Walter Levita e o comico Zé Trindade preparam o bote:

Vamos, menina, vamos  
Vamos bater um papo  
A cobra que não anda não engole sapo.

Outro réptil sempre convocado é o jacaré:

Acerta o passo, Mané  
Quem nasceu pra lagartixa  
Nunca chega a jacaré.  
(Rutinaldo/Jorge Washington)

Chacrinha, sempre surrealista, com Getúlio Macedo proclama:

Alô, alô, Dona Aurora  
Jacaré pra cantar demora.

Vicente Longo e Waldemar Camargo choramingam:

É hoje, é hoje, irmão  
Tô matando jacaré a beliscão.

Junot Dutra é precavido:

Vai, bochechudo  
Rio onde mora piranha  
Jacaré bebe água de canudo.

O cúmulo da incapacidade é detectada por Carlos Roberto:

Você não é de nada, só é mesmo de pagá  
Quer entrar em toda jogada  
Você é de dar nó em rabo de preá.

Os ditados são aproveitados com muito oportunismo. Assim fizeram Mauro de Almeida e João Lopes no carnaval de 1971:

Quem a paca compra caro  
Caro a paca vai pagar  
Você errou e não adianta chorar  
Porque não acreditou no provérbio popular.

“Provérbio” é obra da exímia dupla paulista Denis Brean e Oswaldo Guilherme:

Se um não quer dois não brigam  
É o provérbio quem diz  
Mas se isso fosse verdade, meu bem  
Como eu seria feliz.

Augusto de Oliveira e Nilo Barbosa não ficam longe da verdade:

Ditado certo alguém dizia  
Se bobear fica pra titia.

Em parceria com Castelo, o eterno Mário Lago canta o retorno:

A cadeira de balanço está ali  
Ficou para saudade  
Então, como sempre, entraste  
Quem foi rei não perde a majestade.

J. Jr. e Oldemar Magalhães ironizam a ingênuo Maria:

Eu nunca vi pescaria, Maria  
Sem caniço e samburá  
Quem não arrisca não petisca  
Mas sem isca, essa não!  
Você não sabia, Maria  
E foi no golpe do arrastão.



Pereira Matos e Geraldo Gomes estão determinados:

Eu sei que ela não me tem amor  
Mas eu sou louco por aquela criatura  
Eu vou cumprir o ditado  
Água mole em pedra dura  
Tanto bate até que fura.

O velho babão é detonado por Dora Lopes, Nilo Viana e Batista:

Com esse velho ninguém agüenta  
Anda pra trás e não é caranguejo  
Só vai ao teatro na fila do gargarejo.  
Diz que está por dentro com as vedetes  
Que nem caroço de abacate  
O velho está por fora que nem arco de barril.

Chacrinha retorna, conselheiro:

Amor é como pirulito  
Começa com açúcar, acaba no palito.

O recado ao *bon-vivant* de Arnô Prozenzano e A. Madureira é duro:

Quem dá sopa a vagabundo  
É prato fundo  
Vai trabalhar, vai trabalhar  
Quem engorda porco é ração  
Mansão de vagabundo é galpão.

A terminologia para o pau-dágua é variada. José Roy, Carlos Gonzaga e Henrique de Almeida fizeram “Balão apagado” para o longínquo carnaval de 1962. Apagado estava Carlos Gonzaga, roqueiro, grande sucesso em 1958 com “Diana”, tendo que apelar:

Olha só a cara dele  
Veja o jeito que ele tá  
O bicho bebeu, bebeu  
Ta mais cheio que pneu.  
Tá, tá, tá embriagado  
O bicho tá caindo feito balão apagado.

O pai chato recebe de J. Jr., Vicente Longo e Oldemar Magalhães um título bem expressivo:

Estava tudo legal  
Mas de repente engrossou  
O pai dela é um chute na canela!

Em outras ocasiões a mulher é que é a encrenqueira. A festejada dupla Haroldo Lobo e Milton de Oliveira não perdoa:

Maria arranja bode, só me dá trabalho  
Eu não sou jardineiro pra andar quebrando galho.

Segundo Almirante, a palavra “rosetar” provocou debates filológicos ao aparecer numa marcha dos autores citados acima, nos festejos de 1947. Com duplo sentido foi a mais cantada:

Por um carinho seu, minha cabrocha  
Eu vou a pé a Irajá  
Que me importa que mula manque  
Eu quero é rosetar.

Dircinha Batista cantou o samba conformista de J. Jr. e José Batista:

Ai, ai, não há de ser nada  
Quem bota pobre pra frente é topada.

Queixume também com Beth Carvalho interpretando Rubens da Mangueira:

Todo rico quando morre foi Deus que levou  
Todo pobre quando morre foi cachaça que [matou.

Pobre, negro, homossexual, J. Piedade foi assim: uma figura trágica. Talento, vendeu centenas de músicas para sobreviver. Aaulfo Alves o tinha como ótimo sambista. Sobraram alguns sucessos: “Tudo acabado”, gravado por Dalva de Oliveira; “Navio negreiro”, lançado por Caymmi e que chegou à América do Norte através de Paul Robson e “Chora, doutor”. Seu último samba – o autor já em penúria – é uma constatação dolorida:

Azeitona na minha empada ninguém bota  
Porque ninguém é companheiro na derrota.

As gírias surgem e são logo incorporadas. As referências às mulheres tanto podem ser depreciativas como elogiosas. Geraldo Nunes e B. Barbosa são exigentes:

Eu sou durão, não dou moleza

Mulher pra mim  
Tem que ser chuchu beleza.  
Tem que ser enxuta  
Não me dou bem com mulher fajuta.

Nesta marchinha de carnaval A. Messina, Belmiro Barreia e Roberto Amaral pararam:

Jóia, jóia, jóia. Essa garota é uma jóia  
Oh! que transa legal  
Na minha patota  
Vai brincar o carnaval.

Em “Não sou pamonha” o compositor Baiano avisa:

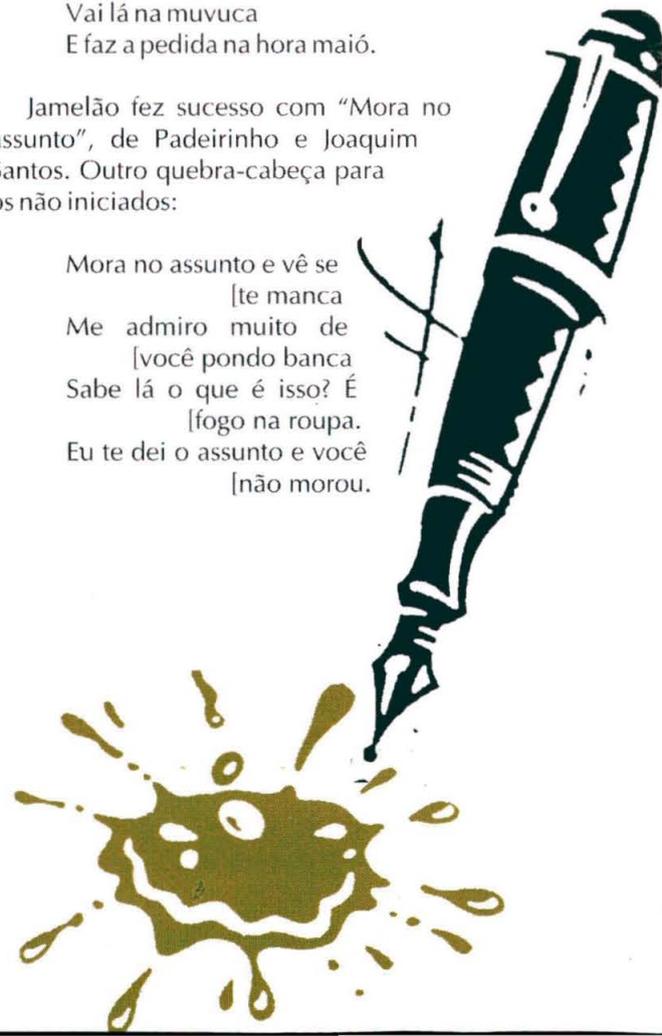
Teu escracho está comigo  
A grana não levas não  
Tu pensas que eu sou otário  
O que eu quero é cavação.

O samba de Dora Lopes “Conversando com gíria” precisa de bula:

Se não afinar sua bandola  
Sua vaca vai pro brejo  
E você entregue às pulgas vai ficar  
A grifa que lhe refresca  
Não agüenta a bola e a sua marola  
Vai marinhar  
Pode ser mão de cinza, acerta o passo, majó  
Vai lá na muvuca  
E faz a pedida na hora maió.

Jamelão fez sucesso com “Mora no assunto”, de Padeirinho e Joaquim Santos. Outro quebra-cabeça para os não iniciados:

Mora no assunto e vê se  
[te manca  
Me admiro muito de  
[você pondo banca  
Sabe lá o que é isso? É  
[fogo na roupa.  
Eu te dei o assunto e você  
[não morou.



**N**inguém poderia ajudar-me (esta a minha convicção), embora voluntários não faltassem. Enquanto minha mulher dormia ou saía para o trabalho, eles me visitavam, íntimos e solícitos. Intuíam, talvez, que eu realizava a inusitada tarefa. Pareciam saber de minha luta e do peso que me afligia.

Embora suas interferências me incomodassem, perturbassem ainda mais, no fundo do meu tumulto interior e do empenho em concluir com brevidade a missão, havia tremenda curiosidade. Uma vez que nada revelavam sobre quem lhes entreabria meus mundos, eu contava com a ajuda do tempo para, mais cedo ou mais tarde, entender o que ocorria. Seriam mesmo amigos ou participavam de alguma conspiração armada contra mim? E se fosse esse o caso, a propósito de que a engendravam? Conheceriam Altereude e nossas mortais diferenças e incompatibilidades? Algumas dessas presenças fatalmente me envolviam, e passei mesmo a delas depender, profundamente.

Marinalva atravessava a porta e ia entrando sorridente e amiga. Dizia "oi", beijava-me o rosto, punha-se à vontade sobre o sofá-cama

## Altereude precisava morrer

□ JOANYR DE OLIVEIRA

(nunca usou a cadeira junto à minha) e me estendia uma folha de papel. Em ambos os lados, garranchos, ideogramas, caracteres quase indecifráveis, capazes; porém, de dizer-me sempre alguma coisa, a acrescentar idéias, a desenterrar fatos, a reavivar impressões deixadas por leituras ou encontros.

Bastava-me refletir sobre tais coisas para que Marinalva logo me sorrisse. Fazia-o com muita doçura, e me oferecia lápis pacientemente preparados, de pontas agudas, e eu os recebia apenas para não faltar com a devida cortesia. Enquanto o silencioso ritual se desenrolava, e era sempre o mesmo, sem, no entanto, resvalar para a monotonia, eu podia perceber seus sutis mergulhos em minha mente. Nada lhe era oculto! Nada, exceto – eu suponha – o meu tipo de relacionamento com Altereude. Sim, ela não parecia suspeitar sequer de que a determinação passara a ser a eliminação de Altereude e de que eu haveria de consumir, por fim, o ato extremo.

Por vezes, tomei tempo de minhas escassas e preciosas horas para tentar encontrar as chaves do enredo em que me via aprisionado. Principalmente, desejava saber da procedência



dos visitantes, da natureza deles; quem lhes outorgava poder para invadir o mais recôndito de meu ser; quem os ordenava assim a ordenar-lhes coisas, para se haverem como soldados submissos, atores ou destes bailarinos a deslizar no pátio e no palco que eram algo chamado *eu*.

Aos sábados, visitava-me *Monsieur Dumollet*. Que figura, ó céus, que Augusta e preciosa figura! Ao contrário da descontráida e terna Marinalva, o austero cavalheiro jamais entrou sem bater (e eram sempre, religiosamente, três batidinhas nervosas e compassadas) e nunca usou senão a cadeira. Estava sempre elegante, embora à antiga, mantinha-se compacto, inspirava grande respeito. Não usava uma simples borraça ou caneta sem prévia autorização. Isso me intrigava, aborrecia, antes de aceitá-lo com suas excentricidades largamente compensadas pelos benefícios advindos de seu alto saber. Mantinha-se empertigado, a responder a questões complicadíssimas por mim jamais formuladas, embora as apreciasse sobremaneira, e em que se misturavam lúcidos postulados e bolorentas erudições hoje inteiramente superadas pelas descobertas dos pesquisadores, pela ciência e pela tecnologia. E ainda expunha fórmulas e desenvolvia dissertações – colhidas em futuro próximo ou remoto, consoante me explicava, sem que eu jamais ousasse duvidar ou questionar. (Ele lembrava um tanto meu pai – tirante no rigor e na intolerância com que o velho sempre me tratava – e por isso me retraía.) Fascinado pela sua estatura intelectual – ainda mais marcante que a física: *Monsieur Dumollet* era alto e atlético –, certo dia ensaiei tímida consulta sobre o mecanismo da psicologia humana, questões no terreno do direito, da ética, da religião, da criminologia... Seria sobretudo interessante ouvi-lo especificamente sobre... Bem, até ele parecia ignorar meu caso, e



seria temerário qualquer inseguro passo, qualquer palavra que lhe descortinasse o fundo esconderijo onde me recolhia. Além do mais, teria eu espaço para perguntas? Conseguiria quebrar o permanente monólogo em que ele, embora sóbrio e em tudo civilizado, se derramava sem parar, com toda a sabedoria da Terra?

Às três horas da manhã, pontualmente, meu visitante emudecia. Apenas por uns pares de segundos, não mais que isso. Então, a alternar seu arcaico francês com um esotérico aramaico ou um latim bem acima de meus vernizes lingüísticos, deixava comigo uma frase nova, cujo sentido apenas vez por outra eu lograva alcançar. Cerimonioso como de costume, pedia permissão (fazendo-o sempre na língua *mater: data venia...*) para pegar o negro chapéu e a bengala, depois para levantar-se e em seguida para sair... A princípio, intentei acompanhá-lo (inutilmente), curioso quanto ao rumo por ser tomado pela singularíssima pessoa. Nada jamais consegui vislumbrar além da porta que, se fechada o esperava, fechada permanecia à sua célere passagem.

Assim, por alguns anos. E eu sempre a supor que aquelas visitas e a causa de minhas angústias passassem despercebidas de todas

as pessoas – as tangíveis e comuns, como também as que transitavam no superior plano de *Monsieur Dumollet* e Marinalva. Todavia, não logrei ocultá-las de minha mulher. É que os brados noturnos, a emergir dos pesadelos, acabaram por desnudar completamente o drama, o meu velho drama que tanto desejei levar encoberto para o túmulo.

Depois de grande insistência, aceitei sair com minha mulher em busca da definitiva ajuda, já que o caminho para isso parecia estar concluído. O circunspeto senhor a cuja porta batemos mostrou-se logo afabilíssimo e muito compreensivo. Não proferiu contra mim nenhuma palavra má. (E como temi que dele irrompessem impiedosas pedras – insinuações, admoestações, anátemas...) Aceitou-me exatamente como sou, e apesar de seus questionamentos – constantes, longos e meticulosos –, senti imediatamente que nem de longe intentava comprometer-me. Era como se o meu *crime* não houvesse sido mais que mera (e heróica) tentativa de livrar-me... de mim mesmo. Sabia a suicídio, é verdade, mas a um suicídio bem singular, em legítima defesa e em extremo estado de necessidade. No começo, eu o encarei com grande surpresa – pois a sua fisionomia se me afigurava bastante familiar –, e senti-me perturbado, pondo-me a indagar sobre como aquele homem havia conseguido abrir o grande segredo. Mas, com o tempo, passei a vê-lo sem reservas, admitindo-o como a um grave e sublime confessor, digno de toda submissão e acatamento. E, de encontro para encontro, embora me fosse difícil entender a maioria de suas explanações, de seus dizeres, passei a sentir-me cada vez mais leve e mais perdoado.

Agora, que o outro se foi completamente, caminho em paz sob o sol e sem aquele insuportável peso de noites. Altoreude precisava mesmo morrer.

## Deputados Distritais

Anilcéia Machado - PMDB	348-8180 a 348-8186
Arlete Sampaio - PT	348-8160 a 348-8166
Augusto Carvalho - PPS	348-8030 a 348-8036
Benício Tavares - PMDB	348-8080 a 348-8086
Carlos Xavier - PMDB	348-8230 a 348-8236
Chico Floresta - PT	348-8120 a 348-8126
Chico Leite - PCdoB	348-8060 a 348-8066
Chico Vigilante - PT	348-8110 a 348-8116
Eliana Pedrosa - PFL	348-8010 a 348-8016
Erika Kokay - PT	348-8090 a 348-8096
Eurides Brito - PMDB	348-8220 a 348-8226
Fábio Barcellos - PFL	348-8040 a 348-8046
Gim Argello - PMDB	348-8150 a 348-8156
Aguinaldo de Jesus - PMDB	348-8070 a 348-8076
João de Deus - PP	348-8100 a 348-8106
Jorge Cauhy - PFL	348-8140 a 348-8146
José Edmar - PMDB	348-8240 a 348-8246
Júnior Brunelli - PP	348-8190 a 348-8196
Leonardo Prudente - PMDB	348-8130 a 348-8136
Odilon Aires - PMDB	348-8200 a 348-8206
Paulo Tadeu - PT	348-8020 a 348-8026
Pedro Passos - PMDB	348-8210 a 348-8216
Peniel Pacheco - PSB	348-8170 a 348-8176
Wilson Lima - PMDB	348-8050 a 348-8056

### Redação

Fone:  
(61) 348-8959

Fax:  
(61) 348-8413

E-mail:  
[df-letras@cl.df.gov.br](mailto:df-letras@cl.df.gov.br)

**Câmara Legislativa do Distrito Federal**

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (61) 348-8000

# RÉQUIEM À



Aos 92 anos, **Rachel de Queiroz** despediu-se da vida, no dia 5 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro, deixando para o povo brasileiro uma obra imortal. Por quase 70 anos dedicou-se à literatura, tendo atuado como professora, romancista, jornalista, cronista e teatróloga.



Rachel foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira número 5. Nascida em uma família de intelectuais, em 1910, em Fortaleza (CE), depois de formada no Curso Normal, estreou como jornalista no jornal "O Ceará", assinando sob o pseudônimo de Rita de Queluz. Foi aí que as portas se abriram para seu talento. Foi redatora no jornal e, paralelamente, lançou-se como escritora, com a obra *O Quinze*, em 1930. O tema do livro foi o mesmo que a levou a sair do Ceará e mudar-se para o Rio de Janeiro: a seca.

Ao tornar-se conhecida e admirada pelo público e no meio literário, Rachel recebeu um prêmio no ano seguinte, com seu segundo romance, *João Miguel*. Em 1937, lançou *O Caminho das Pedras*. Dois anos depois, foi premiada novamente, homenageada pela Sociedade Felipe d'Oliveira, pelo romance *As Três Marias*.

Sem esquecer a literatura, Rachel retoma a redação de jornais, passando a escrever para os jornais "O Cruzeiro" e "O Jornal". Anos depois, foi colaboradora de "O Estado de São Paulo" e "O Diário de Pernambuco".

A escritora sempre desenvolveu sua consciência política; foi militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), embora a política não convivesse com a literatura.

Rachel morreu enquanto dormia. Ela já havia sofrido um acidente vascular cerebral dias antes e partiu serena, deixando a seus milhões de leitores uma obra fantástica e imortal. (DL)



# Raquel de Queiroz

***Adeus, Raquel (saudade) de Queiroz!***

***Teu corpo frágil vai, mas tua voz,***

***Gravada, para sempre, há de ficar***

***Nas praias transitórias da existência,***

***Mostrando que a beleza da eloqüência,***

***Nem a fúria do mar pode apagar.***

Newton Rossi